

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

O RETORNO DA AIA:

**CRÍTICA, RECEPÇÃO E FEMINISMO A PARTIR DA INTERNET E DO
MOVIMENTO *BOOKTUBERS***

JULIA PINTO GAMBOA

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO DE 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

O RETORNO DA AIA:

CRÍTICA, RECEPÇÃO E FEMINISMO A PARTIR DA INTERNET E DO

MOVIMENTO *BOOKTUBERS*

JULIA PINTO GAMBOA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciada em Letras, realizado sob orientação do Professor Doutor Marcelo dos Santos.

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO DE 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LICENCIATURA

**O RETORNO DA AIA:
CRÍTICA, RECEPÇÃO E FEMINISMO A PARTIR DA INTERNET E DO
MOVIMENTO *BOOKTUBERS***

JULIA PINTO GAMBOA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo dos Santos

Orientador/UNIRIO

Prof. Dr. Gustavo Naves Franco

Docente/UNIRIO

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO DE 2019

Trago o teu coração comigo (guardo-o dentro
do meu coração) nunca o deixei noutra lugar (onde quer
que vá, vais comigo, meu amor; e o que quer que seja feito
apenas por mim, é por ti feito, minha querida) temerei

jamais qualquer destino (pois és o meu destino, minha doçura) quererei
jamais qualquer mundo (que a tua formosura é todo o meu mundo, minha verdade)
e és tu o que uma lua sempre possa ter significado
e o que quer que tenha sempre um sol cantado, és tu

aqui está o mais profundo segredo a todos velado
(aqui está a raiz da raiz e o botão do botão
e as alturas das alturas de uma árvore chamada vida; que cresce
para além do que a alma pode esperar ou o pensamento esconder)
e é esta a maravilha que mantém as estrelas separadas

Trago o teu coração (guardo-o dentro do meu coração).

E. E. Cummings, tradução de Manuel Anastácio.

Dedico este trabalho à minha mãe, Cláudia.

Agradecimentos

Aos meus pais, Cláudia e Carlos. Este trabalho não seria possível se não fosse o esforço diário de vocês para me proporcionar todo conforto, saúde, estudo e carinho que eu poderia ter. Obrigada por isso, pelos pequenos e grandes gestos de amor, pelo Juca e pelo Bombom. Por todas as voltas de carro pra casa da Unirio, tarde da noite, durante todos esses anos. Eu amo vocês.

À minha mãe, por me ensinar a ter paciência, ainda que a gente compartilhe o mesmo signo, sem deixar de lutar pelos meus objetivos. Por me criar, até hoje, para ser uma mulher independente. Por ser dura nos momentos certos e me deixar chorar no seu colo quando eu preciso. Por todos os momentos em que dançamos, conversamos, rimos e aproveitamos a vida juntas.

Ao meu pai, por todas as atitudes de amor e preocupação que às vezes parecem ser incompreendidas, nem todas são. Obrigada por ter me criado em um lar livre de preconceitos e por ter sido a minha primeira influência política. Por ser um pai com quem eu posso gritar “Lula livre!”.

À minha vó, Ilma, por todos os momentos em que eu não sabia o que fazer e você esteve lá por mim, por todas as conversas e abraços, por todas as vezes em que você disse o quanto é orgulhosa de mim e por atender o telefone falando “oi meu sonho” toda vez que eu te ligo.

À minha vó, Ana, por sempre estar presente nos momentos importantes, por todas as voltas da escola ouvindo a fita cassete da Rita Lee e por todos os cafés da tarde e conversas compartilhadas.

À minha tia e madrinha, Carla, por ter estudado química comigo durante todo o ensino médio, ainda que eu não lembre de absolutamente nada. Obrigada por toda a preocupação e por ter construído nossa relação de amizade.

À Bia, por todas as vezes que eu te esperei durante horas pra sair, por todos os filmes que a gente dormiu no meio, por todas as flores que nos demos de presente nos aniversários, por

todas as fotos que a gente não tirou porque você é chata. Não sei o que seria de mim se eu não tivesse você pra reclamar da vida, dividir sonhos e angústias, e comer as melhores comidas e beber os melhores drinks durante todos esses anos. Obrigada por todos os doces envolvidos também.

Aos amigos mais especiais que a Unirio me deu, minha familinha, obrigada pela nossa relação, que me ensina todos os dias sobre amor, paciência, afeto e respeito:

O sol da tarde era como uma presença na cozinha. De repente, uma sensação de serenidade e generosidade tomou conta da mesa, uma sensação de amizade e consolo. Poderíamos estar em qualquer lugar. Levantamos os copos outra vez e sorrimos uns para os outros como crianças que, para variar, estavam de acordo.
“Vou explicar para vocês o que é o amor”. (CARVER, 2009).

Ao Anderson, obrigada por todas as vezes em que a gente se entendeu com uma troca de olhares. Por me ouvir, por saber me dar os conselhos certos, por me aturar nos meus piores momentos e mesmo assim não ir embora. Por ser a pessoa que eu encontrei no meio de tanta gente chata e sem nenhuma graça.

Ao Gabriel, por ser o meu carnaval o ano inteiro. Obrigada por ter me ensinado a levar a vida com mais leveza e a rir de mim mesma, mesmo quando parece que o mundo vai desmoronar. Por todas as vezes que você foi um refúgio e por ter feito da sua família a nossa também.

À Vanessa, por já ter gritado muito comigo e agora ser minha amiga genial. Eu fico muito feliz de ver o quanto a nossa amizade cresceu. Obrigada por me dar a mão e puxar minha orelha quando eu preciso. Obrigada por me ouvir e por ter aprendido a lidar com essa ariana temperamental.

À Gisella, pela relação que construímos, pela cumplicidade e pelos surtos compartilhados. Obrigada por estar sempre presente, ainda que só no território da Lapa. Obrigada pelas furadas que você me mete, e pelo Rodrigo. Fé nas loucas e nas bruxas.

Ao Gogo, pelos conselhos, pelas piadas horríveis, por ser nosso professor de sintaxe. Por estar sempre disponível pra me ajudar e por todas as vezes que você ouviu meus dramas e mesmo assim me levou a sério.

Ao meu orientador, Marcelo, por ter sido paciente comigo e com as dificuldades que encontrei nesse percurso, e por me encorajar. Obrigada por fazer parte desse momento tão importante. Suas aulas foram um dos maiores privilégios que a Unirio me proporcionou.

Ao corpo docente da Unirio, especialmente aos professores Ana Carolina, Elizabeth, Carla, Cristina e Gustavo, agradeço pelas aulas, leituras e experiências compartilhadas.

Finalmente, às escritoras, pesquisadoras, resenhistas, blogueiras e *booktubers* cujos trabalhos possibilitaram a realização desta pesquisa. Continuaremos estudando, pesquisando, produzindo e incentivando a presença das mulheres na academia ou em qualquer outro ambiente que valorize e respeite o nosso trabalho.

Uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. (...) Se ao menos a senhora Seton, sua mãe e sua avó tivessem aprendido a grande arte de ganhar dinheiro e tivessem destinado o seu dinheiro, como fizeram os pais e os avós delas, a criar bolsas para pesquisas ou palestras e prêmios e bolsas de estudos específicas para o uso de seu próprio sexo, nós poderíamos ter jantado decentemente uma ave e uma garrafa de vinho aqui em cima; poderíamos esperar, com confiança desmedida, viver uma vida agradável e honrada sob a proteção de uma dessas profissões prodigamente rentáveis. Nós poderíamos estar explorando ou escrevendo; divagando sobre os lugares mais veneráveis da terra; em contemplação, sentadas nos degraus do Pártenon ou chegando a um escritório às dez e voltando à vontade para casa às quatro e meia para escrever um pouco de poesia. (...) é igualmente inútil se perguntar o que teria acontecido se a senhora Seton, sua mãe e sua avó tivessem acumulado grande riqueza e a houvessem depositado nas fundações de uma faculdade e uma biblioteca, porque, em primeiro lugar, ganhar dinheiro era impossível para elas, e, em segundo, se isso tivesse sido possível, a lei lhes negaria o direito de possuir o dinheiro ganho. Foi só nos últimos quarenta e oito anos que a senhora Seton poderia ter tido um centavo seu. Durante os séculos anteriores, o dinheiro teria sido propriedade do marido dela – um pensamento que talvez tenha contribuído para manter a senhora Seton, sua mãe e sua avó afastadas da bolsa de valores. Todo centavo que eu ganhar, elas podem ter pensado, será tirado de mim e usado conforme a sabedoria do meu marido – talvez para fundar uma bolsa de estudos ou apoiar um programa de pesquisas em Balliol ou Kings –, por isso, ganhar dinheiro, ainda que eu o conseguisse, não é algo que me interesse muito. É melhor deixar isso para o meu marido. (WOOLF, 2014, p.12; 35-37).

Resumo

O romance distópico da escritora canadense Margaret Atwood intitulado *O conto da aia* conta a história de uma aia chamada Offred e do funcionamento do estado teocrático de Gilead, sucessor dos Estados Unidos da América, que se formou a partir de um golpe de orientação religiosa. Nessa sociedade as mulheres perdem seus direitos mais básicos e são sujeitas apenas ao trabalho doméstico e à reprodução de bebês para as famílias que comandam esse Estado. Embora publicado em 1985, o romance volta a ser lido e é republicado no Brasil a partir de 2017. Este trabalho dedica-se a analisar os motivos do resgate dessa obra, em um contexto brasileiro, através da teoria da recepção e da análise de leitores que publicam resenhas sobre *O conto da aia* na internet.

Palavras-chave: O conto da aia, Romance, Distopia, Teoria da recepção, Resenha.

Abstract

Canadian writer Margaret Atwood's dystopian novel entitled *The Handmaid's Tale* tells the story of a handmaid named Offred and the workings of the theocratic state of Gilead, the successor of the United States, which was formed from a religiously oriented coup. In this society women lose their most basic rights and are subject only to housework and the reproduction of babies to the families that run this state. Although published in 1985, the novel is being read and republished in Brazil from 2017. This paper is dedicated to analyze the reasons for the rescue of this book, in a Brazilian context, through the theory of reception and the analysis of readers who publish reviews of *The handmaid's tale* on the Internet.

Keywords: The Handmaid's Tale, Novel, Dystopia, Theory of reception, Review.

Sumário

Introdução.....	11
1 O LEITOR E A TEORIA LITERÁRIA.....	13
1.1 Virginia Woolf, Frank Kermode e o <i>Common Reader</i>	13
1.2 O leitor como elemento literário, estética da recepção e comunidade interpretativa....	17
2 <i>BLOGS</i> E O MOVIMENTO <i>BOOKTUBERS</i>	22
3 <i>O CONTO DA AIA</i> DE MARGARET ATWOOD.....	27
4 A RECEPÇÃO DE <i>O CONTO DA AIA</i>	31
4.1 O retorno da aia: recepção nas resenhas e vídeos.....	31
4.2 Análise dos resultados: blogs e <i>booktubers</i>	42
5 FEMINISMO E LITERATURA COMO RESISTÊNCIA.....	47
CONCLUSÃO.....	50
BIBLIOGRAFIA.....	52

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos temos presenciado uma grande difusão em torno dos debates referentes a gênero, raça e sexualidade. Inevitavelmente, as questões pulsantes de um determinado momento da sociedade contaminam a produção artística e a recepção desses produtos, principalmente dos indivíduos que se sentem representados por tais pautas. Nesse sentido, a produção e o resgate de uma literatura representativa ou militante faz parte do nosso cenário atual.

Na edição de número 142 da revista literária Suplemento Pernambuco, de dezembro de 2017, a escritora e pesquisadora brasileira Ana Rüsche faz a seguinte pergunta ao leitor, a respeito da obra *O conto da aia*, da autora canadense Margaret Atwood: “qual o motivo da mais recente onda de sucesso de um livro publicado há mais de 30 anos?”. O artigo traz alguns relatos pessoais de Rüsche enquanto leitora de Atwood e sua experiência acadêmica com o livro, uma vez que sua tese de doutorado foi sobre *O conto da aia* e *A mão esquerda da escuridão*, um romance de ficção científica da escritora estadunidense Ursula K. Le Guin.

Um dos principais motivos do resgate da obra de Atwood, segundo Rüsche, é o avanço do conservadorismo e de um pensamento misógino na sociedade norte-americana, que se manifestou na eleição do atual presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump. A pesquisadora ainda indica que esse mesmo pensamento reacionário e machista está presente no Brasil e também se revela politicamente, como, por exemplo, através do golpe que levou ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

Nesse sentido, o artigo intitulado “Margaret Atwood: de quanto o real supera a ficção” e a própria questão proposta por Rüsche foram os pontos de partida para pensar este trabalho. Rüsche traça um panorama detalhado sobre o retorno e ascensão da obra de Atwood na tentativa de responder à própria pergunta.

Não podemos esquecer, no entanto, que o resgate de uma obra literária se dá em função de uma movimentação de leitores que são responsáveis pelo retorno da circulação de determinado livro. Logo, através de teorias literárias que propõem um estudo em torno do

leitor e seu papel dentro de uma obra e da literatura, pretendemos analisar neste trabalho a função do leitor no resgate do livro *O conto da aia*.

Dentre as possibilidades de um público leitor a ser analisado, o que foi escolhido e que nos interessa aqui é aquele que compartilha suas leituras na internet através de resenhas escritas e publicadas em *blogs* e vídeos postados no *Youtube*. A relevância e forma de funcionamento dessas mídias de produção e compartilhamento de conteúdo também serão estudadas a seguir.

Discutiremos, portanto, o papel de um leitor específico no contexto de resgate de uma obra à luz da militância feminista e de acontecimentos atuais na nossa sociedade. Dessa forma também será possível perceber de que maneira o real está presente na ficção e como a arte e, nesse caso mais especificamente, a literatura, pode ser um meio de resistência.

1 O LEITOR E A TEORIA LITERÁRIA

1.1 Virginia Woolf, Frank Kermode e o *Common Reader*

Para compreender as características, expectativas e percursos do leitor atual, entendo que é necessário apresentar o conceito de leitor para alguns autores que podem auxiliar no recorte de um pensamento sobre a figura do leitor na modernidade a partir do século XX. A escritora inglesa Virginia Woolf e o crítico Frank Kermode recorrem à mesma frase do pensador e escritor inglês Samuel Johnson, reproduzida a seguir, para traçar um perfil do que chamam de leitor médio ou leitor comum (*Common Reader*)¹: “Pelo senso comum dos leitores não corrompidos pelos preconceitos literários, apesar de todos os refinamentos de sutileza e o dogmatismo do ensino, devem ser decididas todas as aspirações às honras poéticas.” (JOHNSON apud KERMODE, 1993, p. 62). Diferente do crítico, apontam Woolf e Kermode, o leitor comum é inocente de sutileza e cultura. A leitura é a principal atividade de lazer do *Common Reader* e ele a pratica apenas para si mesmo.

Woolf aponta que, conforme Johnson sugere, o leitor comum é diferente do crítico e do erudito no que diz respeito à sua instrução. No entanto, Woolf procura criar para esse conceito de leitor algum tipo de totalidade, “o retrato de um homem, o esboço de uma época, uma teoria sobre a arte da escrita” (WOOLF, 2014, p. 134). Dessa forma, concorda com Johnson sobre sua voz ativa e confirma a validade de suas ideias e opiniões.

Kermode (1993) ressalta em seu texto *O leitor médio* que esse tipo de leitor não é uma pessoa, mas sim uma comunidade de leitores. Ele cita Johnson novamente afirmando que o autor caracteriza sociologicamente o *Common Reader* enquanto uma classe. Esse grupo estava socialmente situado entre aqueles não-educados e os especialistas, pertencia à burguesia, e começou a existir em consequência direta do desenvolvimento das literaturas vernáculas e da imprensa. Na época de Johnson (1709-1784) a leitura era uma atividade que demandava “alguma renda e algum tempo disponível” (Ibid.), no entanto, o público moderno muitas vezes aplica seu tempo e dinheiro disponíveis para o lazer com atividades diferentes

¹ Embora tenham definições que guardam diferenças, queremos aproximar as concepções de leitor médio e leitor comum para entender o panorama de discussões sobre a feição de um tipo de leitor apto a reagir a textos produzidos dentro das expectativas da modernidade a que os dois críticos pertencem.

da leitura. Kermode afirma que “a espécie de gente que constituía a classe do *Common Reader* pensa hoje em outras coisas para fazer” (Ibid.).

O declínio do leitor médio como era entendido por Johnson data do final do século dezenove. Algumas das causas dessa mudança decorrem do desaparecimento do romance volumoso consumido em grande escala pelas famílias burguesas e pela variedade de leitores que cresce nesse período devido ao início de uma hierarquização da produção literária entre os “escritos para as massas” e uma “escrita séria”. Ainda, quando a televisão, o rádio e o cinema começam a competir pela atenção das pessoas, as atribuições do antigo *Common Reader* passam a pertencer aos estudantes profissionais de literatura. Nesse sentido, é possível observar que com o declínio do *Common Reader* herdamos principalmente duas categorias de leitores, os que são o alvo do mercado de massa, e chamados por Kermode de “leitores comuns num sentido mais livre” (Ibid.), e os descendentes do leitor médio de Johnson, que praticam o estudo da literatura e consomem uma produção literária chamada de “séria” ou de “elite”.

Para além da definição desses dois tipos de leitores, Kermode afirma que o contato entre essas duas categorias varia de um país para o outro, e que, na Alemanha Ocidental, esse contato foi examinado pelo crítico alemão Peter Uwe Hohendahl. De acordo com Hohendahl, a divisão entre as culturas de elite e de massa afeta a crítica diretamente, de forma que os valores estéticos de uma obra estariam mais próximos dos interesses da cultura de elite enquanto as massas entenderiam o realismo como o objetivo da escrita. Ainda, na Alemanha, Kermode observa uma diferença entre as resenhas de livros, *Tageskritik*, e o estudo da literatura nas universidades, *Literaturwissenschaft*.

No contexto alemão, os leitores não são influenciados pelos resenhistas, uma vez que não costumam escrever sobre os *best sellers* ou as obras direcionadas para a massa, justificando que seus pressupostos estéticos estão distantes dos do público leitor. Assim, os editores trabalham diretamente com os proprietários de jornais, promovendo os livros que seriam ideologicamente convenientes. Kermode afirma que esses livros são “instrumentos de opressão capitalista dos consumidores” e, considerando que os resenhistas trabalham apenas com obras pelas quais demonstram interesses específicos, colaboram com esse sistema de exploração e então passam a receber críticas da Nova Esquerda. É possível perceber que não

há, nesse contexto, uma consideração com a “literatura trivial” e com o leitor que pertence à massa. Kermode retoma Walter Benjamin e seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” para indicar que o interesse nesse sistema de exploração através da cultura popular e pela reprodução de massa que destitui da arte toda a sua singularidade, autenticidade, e historicidade, está vinculado a princípios fascistas. Ainda, afirma que faz parte do trabalho do crítico questionar os mecanismos pelos quais os livros são produzidos e vendidos ao invés de resenhar livros escolhidos aleatoriamente.

Kermode retoma os conceitos de *Tageskritik* e *Literaturwissenschaft* para mostrar que nos Estados Unidos e na Inglaterra a resenha está diretamente ligada à Universidade e que, apesar de usarem um tom diferente, os resenhistas são essencialmente acadêmicos ou direcionam seu discurso para uma audiência que consiste, de maneira geral, no novo *Common Reader*. Os escritores contam, como na Alemanha, com a grande circulação dos jornais, apesar de não compartilharem os mesmos interesses do público (leitores comuns), e é possível direcionar a mesma crítica aos resenhistas estadunidenses e ingleses no que diz respeito ao sistema ideológico de reprodução mecânica da arte. Kermode afirma que, para a Nova Esquerda, “(...) os resenhistas parecem ser vistos como instrumentos passivos de um sistema vicioso e colaboradores de uma ‘comunicação sistematicamente distorcida’” (p. 67).

Ainda que tenhamos visto parcialmente o percurso do leitor e da crítica nos contextos apresentados, parece que uma importante questão não foi tão explorada, e a mesma é levantada por Kermode: como reagem os críticos de língua inglesa aos *best sellers*?

Em primeiro lugar, a postura dos críticos é distante, no sentido de que afirmam que escrever sobre um *best seller* não é realmente a sua função. O crítico e o leitor comum leem coisas diferentes e por motivos diferentes. Por mais que o leitor comum possua algum tipo de pureza ou moralidade nas escolhas de seus livros, não há refinamento estético (aqui novamente podemos lembrar do *Common Reader* de Johnson). O resenhista acaba justificando a sua crítica na dimensão da repercussão da obra. Ainda que a leitura não tenha relevância para ele, o interesse do público vai ser o argumento da crítica, seja ela positiva ou negativa. A crítica é muitas vezes condicionada pela pergunta “por que as pessoas gostam tanto disso?”.

Parece que essa pergunta nunca é completamente respondida. Kermode afirma que até mesmo na escola crítica alemã que lida com a “recepção do leitor” não existe de fato um estudo sobre o leitor como um ser social e que na Inglaterra e na América; à parte alguns marxistas, a relação entre crítico profissional e a audiência não é analisada. Enquanto isso, acadêmicos continuam produzindo edições de clássicos e teorias que não alcançam o leitor comum.

É interessante, no entanto, especialmente para este trabalho, que Kermode reflita sobre a função dos acadêmicos e do *Common Reader* moderno (que o autor presume passar por uma universidade). Qual seria então a função dos que ensinam literatura? Ler os clássicos ou uma literatura “mais séria” torna as pessoas melhores? “Tudo que nós podemos proclamar é que nós os estamos tornando melhores leitores. Podemos ou não proclamar que a má leitura (da Bíblia, por exemplo) tem muitas vezes consequências desastrosas”, afirma Kermode.

A leitura e o seu ensino têm o potencial de tornar uma sociedade mais rica, questionadora e resistente. E se o *Common Reader* é o indivíduo que, na sociedade moderna, escolhe voluntariamente a literatura como uma atividade fundamental, ao lado do acadêmico e do resenhista, terá a responsabilidade e o esforço de levar a leitura adiante. A respeito deste compromisso com a literatura, Kermode declara:

Temos a ver com o novo Common Reader, que tem de ser nossa criação, e que desejará juntar-se a nós, como gente que fala com o passado e sabe alguma coisa da leitura como uma arte a ser dominada. Levamos alguma coisa avante, mas temos a responsabilidade de produzir a geração que concordará que levar alguma coisa adiante por sua vez é digno de esforço. (...) E toda resenha narcisista, venal e imprudente, toda esperta acrobacia acadêmica, é uma negligência dessa obrigação de continuidade e criação. (p. 72)

As concepções de Kermode aqui apresentadas podem abrir caminho para pensar o conceito de leitor na teoria literária. Veremos a seguir como alguns movimentos descartavam completamente o papel do leitor na literatura e o caminho percorrido até a valorização da experiência do leitor, e de uma classe de leitores, e sua relevância enquanto elemento literário.

1.2 O leitor como elemento literário, estética da recepção e comunidade interpretativa

Para introduzir o capítulo intitulado “O leitor”, em *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, o teórico belga Antoine Compagnon retoma algumas correntes e autores que negavam a figura do leitor enquanto parte essencial da obra. Além do historicismo e do formalismo, o *New Criticism* foi uma corrente que definia a obra literária como “uma unidade orgânica autossuficiente” (COMPAGNON, 2010, p. 138), que deveria ser lida distante do contexto de sua produção e de sua recepção. Um dos fundadores do *New Criticism*, corrente literária que defendia a leitura atenta ou *close reading*, o professor e filósofo I. A. Richards, afirmava que, através da educação, o leitor pode perder todos os seus traços culturais, preconceitos, sentimentalismos, arrogância, etc., até conseguir alcançar uma compreensão plena e perfeita de um poema. De acordo com ele, a leitura fracassa diante do texto. Ainda que uma obra apresente dificuldades, é o leitor quem deve superar os obstáculos e suas limitações individuais para alcançar uma leitura fechada, objetiva e descompromissada.

Nesse sentido, os estudos literários, particularmente abordagens como o positivismo, o formalismo, o *New Criticism* e o estruturalismo, foram por muito tempo caracterizados por uma atitude de desconfiança em relação ao leitor. Quando a teoria literária tentou reconhecer a presença do leitor imaginou um leitor abstrato ou perfeito, que se conforma com o que o texto espera dele, como uma função do próprio texto. Nesse contexto, segundo Compagnon, “a leitura real é negligenciada em proveito de uma teoria da leitura, isto é, da definição de um leitor competente ou ideal, o leitor que pede o texto e que se curva à expectativa do texto” (Ibid., p. 140).

Compagnon cita Marcel Proust e seu “ponto de vista herético” com relação à leitura e ao papel do leitor, visto que o escritor francês ia de encontro a todas as teorias e autores do mesmo período que julgavam o leitor como uma peça completamente externa ao sistema literário. Proust defendia que a escritura e a leitura coincidem, como uma tradução, na qual a leitura é uma escritura, da mesma forma que a escritura é uma leitura. Compagnon afirma que Proust coloca em sua obra *O tempo redescoberto* que o leitor aplica o que ele lê à sua própria situação, sua vida, seus amores, de forma que o leitor atribui à obra literária o que seriam para ele os traços do ideal. Dessa forma, de acordo com o pensamento de Proust, vemos que o

escritor e o livro controlam muito pouco o leitor. A partir de Proust, Compagnon afirma: “O leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro; aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro.” (Ibid., p. 142).

Posteriormente, algumas abordagens teóricas voltam a valorizar a leitura, como a estética da recepção, principalmente a partir dos autores Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss e a *Reader-Response Theory*, ou teoria do efeito de leitura, com Stanley Fish e Umberto Eco.

Os estudos da recepção vão se interessar pela maneira como uma obra afeta o leitor, o efeito produzido no leitor, individual ou coletivo, e sua resposta ao texto considerado como estímulo. Uma das abordagens possíveis a partir dos estudos da recepção vem da estética fenomenológica de Roman Ingarden, filósofo e teórico literário polonês, e do ato individual de leitura. Essa abordagem, afirma Compagnon,

[...] via no texto uma estrutura potencial concretizada pelo leitor, na leitura, um processo que põe o texto em relação com normas e valores extraliterários, por intermédio dos quais o leitor dá sentido à sua experiência do texto. Encontra-se neste caso a noção de pré-compreensão como condição preliminar, indispensável a toda compreensão, que é uma outra maneira de dizer, como Proust, que não há leitura inocente, ou transparente: o leitor vai para o texto com suas próprias normas e valores. (Ibid., p. 146).

Nesse sentido, podemos compreender o texto literário como uma potência que se concretiza no ato da leitura, que não está restrita ao texto em questão, mas é transformada por todas as leituras anteriores do indivíduo que está lendo.

Ainda, Compagnon recupera Wolfgang Iser e sua percepção dos dois polos da obra literária, o artístico e o estético. O polo artístico é o texto criado pelo autor enquanto o estético é a realização efetuada pelo leitor. Consequentemente, a obra deve ser de caráter virtual, pois é um resultado do texto prévio e do ato de leitura, e não se reduz a nenhum dos dois individualmente. O sentido é, então, inevitavelmente particular, uma vez que é um efeito experimentado pelo leitor e não um objeto pré-definido. A literatura, portanto, tem uma existência dupla. Uma que ocorre nos textos, nas bibliotecas e na sua própria potência, e outra que apenas se realiza através da leitura. O objeto literário autêntico, segundo Compagnon, é o esquema virtual que resulta da interação do texto com o leitor.

Outros dois conceitos de Iser muito relevantes para a estética da recepção, também recuperados por Compagnon, são os de leitor implícito e repertório. A partir da noção de autor implícito, postulada pelo crítico americano Wayne Booth, na qual “um autor nunca se retirava totalmente de sua obra, mas deixava nela sempre um substituto que a controlava em sua ausência: o autor implícito” (Ibid., p. 148), Iser pensa a ideia de leitor implícito, uma espécie de par para o autor implícito. O leitor implícito é uma construção, e não se identifica absolutamente com um leitor real específico, ele define um ponto de vista que permite que o leitor real elabore o sentido do texto.

Baseado no leitor implícito, o ato da leitura consiste em concretizar a visão esquemática do texto, isto é, em linguagem comum, a imaginar os personagens e os acontecimentos, a preencher as lacunas das narrações e descrições, a construir uma coerência a partir de elementos dispersos e incompletos. (Ibid., p. 149).

A ideia de repertório está relacionada àquilo que o leitor traz como bagagem necessária à sua leitura, normas sociais, históricas e culturais, que o leitor infere ao se deparar com um texto. Entretanto, um texto possui suas especificidades, que demandam um repertório único, específico. Sendo assim, para que a leitura se realize, é necessário um encontro entre o repertório do leitor real e o repertório do texto, ou seja, aquilo que o texto presume que seu leitor já conheça.

Aqui é importante mencionar que, além da vertente que se aproxima do leitor individual, representada por Iser, a estética da recepção também possui uma abordagem coletiva da leitura, fundada por Hans Robert Jauss. O autor se utiliza de um conceito muito próximo da ideia de repertório de Iser, que chama de horizonte de expectativa. Tal conceito se caracteriza enquanto o sistema de normas que define uma geração histórica, as práticas e hábitos culturais e sociais, de uma classe de leitores em um determinado momento.

A partir do exposto acima, é possível considerar que, através da teoria da recepção e dos conceitos levantados por Iser, o texto e o leitor estão em situação de equilíbrio, como se o texto fosse uma obra aberta à influência ou domínio do leitor real. No entanto, Compagnon revela que essa liberdade concedida pelo autor é ilusória, na medida em que o leitor continua sendo conduzido por aquilo que é determinado ou não pelo autor. Nesse sentido, a estética da

recepção é vista por alguns autores como uma teoria que ainda emprega o autor como norma, ou como “instância que define as áreas de jogo no texto” (Ibid., p. 153).

No sentido de questionar as figuras de leitor e autor e suas relações de liberdade e imposição, as teorias literárias radicalizaram-se, seguindo duas etapas. Primeiro, a significação literária localizou-se na experiência do leitor e cada vez menos no texto. Em seguida, os dois conceitos de texto e leitor foram combinados na noção de “comunidade interpretativa”. Esse movimento acaba por descartar a autonomia relativa dos dois conceitos, pois, de acordo com Compagnon, “o leitor passou à frente do texto, antes que os dois se apagassem diante de uma entidade sem a qual nem um nem outro existiriam e da qual eles emanam paralelamente”. (p. 156-157).

Um dos autores que vai de encontro às ideias moderadas de Iser e que defende uma abordagem mais radical a respeito do papel do leitor é o crítico estadunidense Stanley Fish. Assim como Iser e Jauss, Fish denunciou a ilusão da objetividade e da autonomia do texto e transferiu para o leitor toda a significação, redefinindo a literatura “não mais como um objeto, fosse ele virtual, mas como ‘o que acontece quando lemos’”. (Ibid., p. 157).

Radicalizando a lógica da primazia pela experiência e autonomia do leitor e, após substituir a autoridade do autor e a autoridade do texto pela autoridade do leitor, Fish reduz essas três autoridades à autoridade das “comunidades interpretativas”. Essas comunidades interpretativas são conjuntos de normas de interpretação, literárias e extras-literárias, que um grupo compartilha, uma ideologia, um código. Assemelham-se aos conceitos de repertório de Iser e de horizonte de expectativa de Jauss, mas, nesse caso, não deixam a mínima autonomia à leitura, nem ao texto (esquema virtual) que resulta da leitura.

A crítica que Fish faz à autoridade do leitor e à teoria da recepção, e que o leva a eliminar, simultaneamente, o autor, o texto e o leitor em detrimento das comunidades interpretativas, está relacionada à ideia do leitor competente que saberia reconhecer as estratégias do texto e, portanto, a intenção do autor. Esse leitor competente é o leitor sustentado pela teoria de Frank Kermode, conforme vimos no capítulo anterior.

A tese defendida por Fish, a qual o afasta de outros teóricos da estética da recepção, é que as dificuldades da leitura deveriam ser experimentadas pelo leitor, e não resolvidas, como

outros autores sustentam. A respeito dessas dificuldades da leitura entendidas por Fish, Compagnon afirma (p. 158-159):

Essas dificuldades não são fatos autônomos (anteriores à leitura e independentes dela), mas fenômenos que resultam de nossos atos de leitura e de nossas estratégias interpretativas. (...) Já que o leitor começa sempre por uma interpretação, não há texto preexistente que possa controlar sua resposta: os textos são as leituras que nós fazemos deles; nós escrevemos os poemas que lemos.

Nas comunidades interpretativas, a estética da recepção como projeto alternativo ao formalismo é anulada. Em alguma medida, a dimensão de individualidade dos textos, dos autores e dos leitores, não resiste mais. O conceito de leitura enquanto experiência defendido por Fish está muito próximo dos ideais de Marcel Proust, como vimos, e Umberto Eco, exemplificados no livro de Compagnon. Segundo ele, Eco defendia que “toda a obra de arte é aberta a um leque ilimitado de leituras possíveis” (Ibid., p. 153).

A partir dos conceitos apresentados acima, de leitor, comunidades interpretativas e a ideia em torno daquilo que uma leitura produz, vamos analisar como se apresentam e comunicam os leitores do fim da segunda década do século XXI. A noção de Stanley Fish sobre a necessidade da leitura ser experimentada e a pergunta “o que acontece quando lemos?” serão primordiais para compreender os efeitos da leitura de uma obra específica. Os aspectos culturais e os valores que estão em jogo, compartilhados pela comunidade interpretativa que será estudada, também são de grande importância para o resultado deste trabalho.

2 BLOGS E O MOVIMENTO BOOKTUBERS

A metodologia escolhida para seleção de dados e análise da recepção do livro *O conto da aia* neste trabalho foi a de investigação de leitores que compartilham suas leituras na internet. Esses leitores se manifestam através de textos e vídeos publicados em *blogs* e canais do *Youtube*. A escolha dessa comunidade de leitores que divulgam suas experiências literárias de forma *online* se deu a partir da percepção de que esses seriam, ainda que parcialmente, os leitores que simbolizam o conceito, visto anteriormente, de leitor médio ou comum na atualidade. Esse leitor médio compartilha suas reflexões e pontos de vista sobre obras literárias na internet, sem necessariamente passar pelo horizonte acadêmico.

Uma vez que a metodologia estava estruturada, mostrou-se necessário, durante a escrita deste trabalho, desenvolver, ainda que brevemente, os conceitos e práticas dos *blogs* e canais no *Youtube*. Ainda que hoje *blogs* e *Youtube* existam em paralelo, enquanto plataformas de divulgação e interação de pontos de vista, opiniões e valores pessoais específicos de cada produtor de conteúdo (mas não só), o *blog* enquanto ferramenta de suporte textual é anterior ao *Youtube*, uma vez que a criação do último demandou tecnologias mais avançadas do que a do primeiro, visto que sua característica predominante é o audiovisual.

É importante considerarmos que a escrita na internet está inserida na história da evolução da escrita no mundo ocidental. No artigo “Blogs: de diários pessoais a comunidades virtuais de escritores/leitores”, Flavia Di Luccio e Ana Maria Nicolaci-da-Costa afirmam que, ao longo da História, três grandes revoluções textuais foram produzidas pelas invenções do código, da imprensa e da rede internacional de computadores. Aqui vamos nos deter à última, na qual o suporte textual passou a ser a tela do computador enquanto espaço textual interconectado a outros computadores. De acordo com as autoras, essa revolução, produzida a partir da internet, gerou um suporte textual de dimensões planetárias (LUCCIO e NICOLACI-DA-COSTA, 2010, p. 135). É importante ressaltar que, como consequência desse contexto,

Qualquer pessoa que disponha de um computador e tenha acesso à internet passa a poder publicar qualquer tipo de texto sem restrições e sem interferências de escribas, tipógrafos, impressores, corretores ou editores. Na tela conectada à internet, o escritor se tornou livre para desenvolver todo o processo de confecção e de divulgação de um texto. Além disso, diferentemente do que acontecia na era do rolo, do códice e da imprensa, o escritor de hipertextos – os textos eletrônicos – pôde abandonar a clássica lógica linear e dedutiva e escrever textos que (por meio de *links*) permitem o deslocamento da leitura para outros textos. Os mesmos *links* e a mesma lógica permitem também o diálogo com os leitores e com outros autores. (Ibid.)

Nesse primeiro momento em que grande parte da informação na internet circula através do texto escrito, o *blog* se torna um importante espaço textual. As autoras do artigo citam André Lemos para conceituar o termo *weblog*, que mais tarde foi reduzido a *blog*. Nesse sentido,

Lemos (2002) nos leva ao início do mundo dos *blogs*. Ele nos diz que o termo *weblog*, posteriormente reduzido para *blog*, foi criado por John Barger, editor do site *Robot Wisdom*, em 1997. Um *weblog* é uma página da *web* onde um *weblogger*, também chamado de *blogger* (blogueiro), *logs* (registra por escrito como em um diário de bordo) outras páginas da *web* e textos selecionados. (Ibid., p. 136).

De acordo com a pesquisa feita por Luccio e Nicolaci-da-Costa, os *blogs* começaram a se difundir no Brasil entre 2000 e 2001 e rapidamente passaram a se dedicar a outros gêneros, como o jornalístico, para além do característico “diário de bordo” ou de relatos pessoais.

As autoras também afirmam que as interações que resultam dos textos postados pelos blogueiros e os comentários de leitores publicados nos *blogs* radicalizaram a ideia de comunidade de leitores e escritores quando comparada às comunidades que estavam restritas aos clubes de leitura, por exemplo, uma vez que essa comunidade se torna virtual através dos recursos de comunicação possibilitados pela internet. É possível perceber a relevância da conexão escritor-leitor no artigo em questão. A partir de entrevistas com blogueiros realizadas pelas autoras, fica clara a importância das comunidades e redes formadas *online* e como os escritores também são leitores de outros *blogs*. Uma das entrevistadas (Eros) aponta características dos *blogs* que propiciam a formação dessas comunidades, conforme podemos ver a seguir:

Eros novamente é quem aponta com clareza características singulares dos *blogs* que fornecem as bases para a formação dessas comunidades: “Quando eu escrevo no *blog* estou observando também como as pessoas reagem ao que eu escrevo, se

gostam ou não, e colho este feed back através (dos comentários) conheço outros blogs que me visitam, alguns com conteúdos maravilhosos”. Em outras palavras, Eros escreve e observa a reação de seus leitores, que a levam para os *blogs* deles e para outros *blogs*. Sendo assim, os leitores que deixam comentários no *blog* de Eros também deixam o link para seus próprios *blogs* que ela visita. Quando gosta do que lê, Eros revela: “...*Pego um pedaço e levo para o meu, indico, porque vale a pena”*. (Ibid., p. 142).

Fundado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, o site *Youtube* “(...) era um entre os vários serviços concorrentes que tentavam eliminar as barreiras técnicas para maior compartilhamento de vídeos na internet.” (BURGESS, 2009, p. 11). Na época de sua criação, além de permitir que o usuário carregasse vídeos na plataforma, o *Youtube* ofereceu outras ferramentas, como a possibilidade de se conectar com outros usuários, a recomendação de vídeos relacionados, comentários (e outras funcionalidades inerentes a redes sociais), e ainda um diferencial para o site, a geração de URLs e códigos HTML para que os vídeos fossem incorporados em outros sites, como os *blogs* (Ibid., p. 17-18). O site foi consagrado, apenas alguns anos depois, em 2007, como o site de entretenimento mais popular do Reino Unido e, em abril de 2008, o *YouTube* já hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos, um número que representa um aumento dez vezes maior em comparação ao ano anterior e que continua a crescer exponencialmente (Ibid.). Ainda que os vídeos postados na plataforma apresentem uma quantidade inumerável de temas e/ou objetivos, é inegável a democratização ou, pelo menos, abertura, do conhecimento, quando consideramos os vídeos de teor educativo e cultural para os espectadores e o fato da visualização de vídeos ser gratuita.

A partir dos dados acima, podemos perceber o quanto a ampliação da internet e dos dispositivos de compartilhamento de informações como os *blogs* e o *Youtube* cria e potencializa novos processos de comunicação, principalmente entre as massas. Essas ferramentas possibilitam que experiências não virtuais ganhem contornos virtuais na internet, como, por exemplo, a construção de *vlogs* (TEIXEIRA e COSTA, 2016, p. 14), diários que são compartilhados *online*, mas que, ao contrário dos textos dos *blogs*, são compartilhados em formato de vídeo, principalmente no site *Youtube*.

É importante considerar que neste trabalho estamos pensando em indivíduos que possuem acesso à internet e a uma rede de computadores. Esse acesso passa por uma problemática de classes sociais e econômicas e de urbanização, mas que não será

destrinchada aqui. Sendo assim, quando pensamos na possibilidade de postar textos ou vídeos *online*, com exceção das pessoas que não têm esse acesso, qualquer indivíduo pode publicar sua opinião sobre qualquer tema, em qualquer plataforma disponível que desejar. Esse é um ponto fundamental neste trabalho, pois conseguimos pensar nas resenhas e nas críticas literárias a partir de pontos de vista descentralizados da academia. Assim, com o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (TICs), “(...) a mediação do saber por um especialista credenciado por uma instituição ou figura de autoridade está sendo, cada vez mais, redimensionada.” (Ibid., p. 19).

No caso deste trabalho, no qual vamos analisar *blogs* e *vlogs* voltados à publicação de resenhas e comentários críticos estritamente literários, resta apresentar um movimento recente de *vlogs* intitulado *Booktubers* (*book* - livro, *tuber* - produtores de vídeos postados no *Youtube*) (Ibid., p.14). De acordo com Teixeira e Costa, no artigo intitulado *Movimento booktubers: práticas emergentes de mediação de leitura*, compõe o movimento dos *booktubers* “leitores assíduos produtores de conteúdo audiovisual e conectados à internet que compartilham sinopses, resenhas, opiniões sobre livros, utilizando estratégias e recursos que acabam por incentivar a leitura e ampliar o público de seguidores de seus canais literários” (Ibid., p. 14). O termo *booktuber*, segundo o artigo citado acima, surgiu em 2011, cunhado por um australiano de apelido Bumblesby, que também produzia vídeos no *Youtube* sobre lançamentos editoriais (MANS, 2015 apud TEIXEIRA e COSTA, 2016, p. 21). Apesar de Bumblesby ter criado o termo, não é possível precisar quem criou a tendência hoje chamada de *Booktubers*.

Assim como vimos nos *blogs*, a interação entre quem está produzindo o conteúdo, seja em texto ou em vídeo, com o leitor ou espectador é de suma importância. Desse modo, também é abordado no artigo como acontece o diálogo entre *booktuber* e espectador. A respeito dessa interação, e da forma como ela se realiza, as autoras afirmam:

Observa-se que, nos últimos momentos dos vídeos, o *booktuber* sempre convida o espectador a avaliar (ferramenta *like* ou *dislike* simbolizada pelo dedo polegar voltado para cima ou para baixo, respectivamente), a comentar o vídeo, a adicionar o *booktuber* em outras redes sociais e, em alguns casos, solicita sugestões de livros. O usuário logado ao *Youtube* pode, então, interagir com o *booktuber* participando das discussões, fazendo críticas positivas e negativas. Caso o usuário se inscreva no canal, o recebimento de notificações das atualizações desse canal, via qualquer suporte conectado ao *Google*, dá-se de maneira automática, estabelecendo assim

uma parceria de visualizações que retroalimenta a visibilidade e a audiência. (Ibid., p. 21-22).

Conforme esclarecido do início deste capítulo, a motivação para análise de resenhas e críticas nos *blogs* e canais literários no *Youtube* se deu a partir do entendimento dos produtores de conteúdo dessas plataformas como o leitor comum conceituado no capítulo anterior. Aqui é importante considerar que reconhecemos as diferenças entre os dois leitores, aqueles que produzem conteúdo na internet e o *Common reader*, especialmente quando pensamos no ambiente virtual e na ideia de comunidade apresentada anteriormente. No entanto, a discussão fundamentada no capítulo anterior ajuda a compor uma genealogia do leitor na contemporaneidade.

Observaremos que existe uma diferença de linguagem e referências entre as postagens analisadas, que não decorre necessariamente da passagem (ou não) de cada um desses leitores por ambientes acadêmicos. Tentamos equilibrar o *corpus* da análise proporcionalmente entre *blogs* e vídeos uma vez que, tirando a diferença principal de texto para audiovisual, entendemos que as duas formas de produção de recepção literária são igualmente válidas.

Finalmente, é importante reiterar que os *blogs* e o *Youtube* são ferramentas muito importantes para o incentivo à leitura e para a formação de comunidades de leitores que muitas vezes não encontram espaços físicos nos quais se sintam acolhidos e incentivados, tanto para a atividade de leitura, quanto para o compartilhamento de reflexões, opiniões, anseios e debates. Sobre a produção de conteúdo através desses espaços *online*, cito André de Jesus Neves, mencionado no artigo de Teixeira e Costa: “O especialista, nesse caso, é deslocado, sai do centro e permite que os outros sujeitos apareçam, deixando o lugar de meros espectadores da informação. Assim, a voz do subalterno no ciberespaço entra em evidência.” (Ibid., p. 19).

3 O CONTO DA AIA DE MARGARET ATWOOD

O conto da aia (*The handmaid's tale*) é um romance distópico² publicado em 1985 pela autora canadense Margaret Atwood. A obra, que figurou por 23 semanas na lista dos *best-sellers* do *The New York Times*, foi adaptada para o cinema em 1990, com roteiro de Harold Pinter e direção de Volker Schlöndorff, e também foi transmitida em capítulos em programa para a BBC Radio 4, estação de rádio britânica (RÜSCHE, 2015, p. 60-61). A adaptação mais atual do livro é a série *The handmaid's tale*, criada por Bruce Miller em 2017 e que já conta com três temporadas.

A narrativa do romance é construída a partir dos relatos da aia Offred após a instauração do estado teocrático de Gilead, sucessor dos então Estados Unidos da América. Essa sociedade se constitui após um golpe de orientação religiosa organizado por um grupo de homens ligados ao exército. Apesar da narrativa ser fragmentada e apresentada a partir de muitas digressões da narradora, é possível vislumbrar através de algumas passagens como o golpe se deu:

Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência. Na época, atribuíram a culpa aos fanáticos islâmicos. Mantenham a calma, diziam na televisão. Tudo está sob controle. Fiquei atordoada. Todo mundo ficou, sei disso. Era difícil de acreditar. O governo inteiro massacrado daquela maneira. Como conseguiram entrar, como isso aconteceu? Foi então que suspenderam a Constituição. Disseram que seria temporário. Não houve sequer nenhum tumulto nas ruas. As pessoas ficavam em casa à noite, assistindo à televisão, em busca de alguma direção. Não havia nem um inimigo que se pudesse identificar. (ATWOOD, 2017, p. 208).

Em Gilead as mulheres vivem ordenadas dentro de um sistema de castas que é orientado pela fertilidade e pela classe social. As aias são mulheres férteis, aptas à maternidade. Nessa sociedade a grande maioria das mulheres é estéril, logo a fertilidade é um valor que deve ser preservado pelo Estado. As mulheres ricas e estéreis casadas com os Comandantes, aqueles que estão no topo do governo e do poder e que orquestraram o golpe, são as “Esposas”. Aquelas que não são férteis mas não estão na mesma posição social que as

² Distopia, de acordo com o Dicionário Online de Português é um “Lugar hipotético onde se vive sob sistemas opressores, autoritários, de privação, perda ou desespero; antiutopia.”. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/distopia/>>. Acesso em: dezembro 2019.

Esposas e foram confinadas aos trabalhos domésticos, são as “Marthas”. Algumas mulheres foram excluídas dessa organização e transferidas para um local chamado de Colônias para exercerem trabalhos forçados e algumas se prostituem em uma espécie de hotel ou cassino que apenas os Comandantes têm acesso. Em um fragmento narrado por Offred entendemos parcialmente como este surto de infertilidade aconteceu:

Houve uma época em que o ar ficou carregado demais de substâncias químicas, raios, radiação, a água enxameava com moléculas tóxicas, tudo isso leva anos para pôr em ordem, e enquanto isso elas penetram seu corpo, se acumulam nas células adiposas do corpo. Quem sabe, sua própria carne pode estar poluída, suja como uma praia onde houve um derramamento de petróleo, morte certa para os pássaros marítimos e bebês ainda por nascer. (Ibid., p. 136-137).

A partir da organização das mulheres em suas respectivas castas, aquelas que foram designadas para exercerem o papel de aias são enviadas para as casas dos Comandantes. Lá, sua principal tarefa é participar da Cerimônia, que consiste no ato sexual com o Comandante, com o objetivo de a aia engravidar e gerar um bebê para a família da casa na qual mora. Como Gilead é um estado teocrático, a sociedade é fundamentada em muitas práticas religiosas como, por exemplo, as aias se cumprimentarem com frases do tipo “Bendito seja o fruto”. Assim, durante a Cerimônia, o Comandante deve ler a passagem da Bíblia que originou as bases dessa sociedade, na qual Raquel pede para Jacob se deitar com Bilha, sua serva, para que ela possa gerar um filho para Raquel. Essa passagem se encontra no prólogo de *O conto da aia* e pode ser lida a seguir:

*Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacob,
teve Raquel inveja da sua irmã, e disse a Jacob:
Dá-me filhos, ou senão eu morro.*

*Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse:
Estou eu no lugar de Deus, que te impediu
o fruto de teu ventre?*

*E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha;
Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos,
e eu, assim, receba filhos por ela.*

Gênesis, 30:1-3.

Sobre a aia Offred, não sabemos muito, nem mesmo seu nome. O nome Offred refere-se ao Comandante a quem serve, Fred, do inglês “*of Fred*”, e em português, “de Fred”. Em sua narrativa sabemos que era casada e tinha uma filha, e ela também menciona sua relação com sua mãe e sua amiga chamada Moira, que havia sido escolhida para ser uma aia, mas consegue fugir enquanto estavam em um centro de treinamento, antes de serem designadas para suas casas.

A narrativa do livro é bastante fragmentada e sabemos da maioria das informações através de *flashbacks* de Offred sobre sua vida anterior e como chegou até ali. Ela conta, por exemplo, que antes da instauração de Gilead os direitos das mulheres foram sendo retirados aos poucos, não tinham mais acesso ao próprio dinheiro e foram demitidas de seus empregos.

Apesar da falta de esperança de uma aia em uma sociedade como Gilead, Offred descobre um movimento secreto de resistência. Ao final do livro, ela é retirada da casa de seu Comandante por dois guardas que supostamente fariam parte desse movimento e estariam ajudando Offred a fugir. Eles se passam por guardas do Estado e precisam levá-la embora com a justificativa de que teria cometido um crime de violação de segredos do Estado. No entanto, a narrativa de Offred acaba quando está entrando em uma camionete com os guardas e não sabemos o que acontece com ela. Sua última frase é “E assim eu entro, embarco na escuridão ali dentro; ou então na luz.” (Ibid., p. 347).

Talvez a genialidade do livro de Atwood não esteja apenas na construção da narrativa de Offred, mas no final do livro, uma espécie de epílogo intitulado de “Notas históricas sobre *O conto da aia*”. Essa segunda parte do romance se apresenta como um relatório de um evento acadêmico, “consistindo em uma transcrição parcial das atas do Décimo Segundo Simpósio sobre Estudos Gileadeanos” (Ibid., p. 351), que se passa no dia 25 de junho de 2195. Nesse relatório descobrimos, através da apresentação do professor James Darcy Pieixoto, que a história que lemos na primeira parte do livro é uma reconstituição histórica, feita por ele e outro professor, de aproximadamente trinta fitas cassete encontradas em um local que seria, de acordo com a autora das fitas, a “Rota Clandestina Feminina”.

Durante sua apresentação o professor Pieixoto revela dados sobre a sociedade de Gilead retirados das gravações encontradas. O que é mais espantoso para o leitor de *O conto*

da aia é o quanto a narrativa de Offred é posta em dúvida pelo professor e a forma como um relato que nos parece tão absurdo e horrível é motivo de piada. Em um dado momento da apresentação o professor chama o local que acharam as fitas de “Rota Clandestina do Sexo Frágil”, e sobre a veracidade das informações encontradas, ele afirma:

[...] tivemos que tomar algumas decisões quanto à natureza do material que havíamos tão laboriosamente adquirido. Várias possibilidades nos confrontaram. Primeira, as fitas poderiam ser uma falsificação. (...) Parece que certos períodos da história se tornam rapidamente, tanto para outras sociedades quanto para aquelas que as seguem, o material de lendas não especialmente edificantes e a ocasião para muita autocongratulação hipócrita. (Ibid., p. 355).

Ele ainda afirma que devem ser cautelosos antes de julgarem a sociedade gileadeana uma vez que ela estava submetida a grandes pressões de caráter demográfico e a fatores dos quais “nós felizmente estamos mais livres” (Ibid.). Seu relato parece, mais do que informar sobre determinado período histórico, justificar tais medidas impostas pelo Estado em Gilead por “motivos de bem maior”.

É muito interessante que Atwood tenha feito essa escolha para finalizar o livro pois, além de trazer uma perspectiva de que a história de Gilead poderia realmente vir a acontecer, ela nos mostra que, infelizmente, mesmo no futuro, provavelmente ainda vamos viver em uma sociedade na qual a história de uma mulher sempre será questionada e desacreditada e que ainda temos um longo caminho a trilhar quando falamos sobre igualdade de gênero.

4 A RECEPÇÃO DE *O CONTO DA AIA*

4.1 O retorno da aia: recepção nas resenhas e vídeos

A questão central deste trabalho é a apresentada por Ana Rüsche em seu artigo “Margaret Atwood: de quanto o real supera a ficção”, que acredito que seja o mais substancial a respeito do livro de Atwood publicado em suplementos literários dos últimos anos. Afinal, qual o motivo da mais recente onda de sucesso de um livro publicado há mais de 30 anos?

A seguir, além de apresentar as principais informações trazidas por Rüsche em seu artigo, pretendo estender essa pergunta-chave a uma comunidade de leitores específica, através da análise de resenhas e vídeos publicados na internet com o intuito de, ao final deste trabalho, obter mais respostas sobre a relevância do livro *O conto da aia*, publicado em 1985, para o leitor de 2019.

Ainda, é importante ressaltar que a comunidade de leitores aqui analisada, composta por resenhistas de *blogs* e *booktubers*, ambos conceitos trabalhados no capítulo anterior deste trabalho, é específica na medida em que é formada majoritariamente por uma juventude urbana escolarizada, que tem fácil acesso às plataformas *online* dos *blogs* e *Youtube* tanto para divulgar suas resenhas quanto para se comunicar com os leitores que formam seu público.

Além disso, é fundamental deixar claro que a escolha de algumas postagens analisadas a seguir partiu do repertório da própria autora deste trabalho, que consome o conteúdo desses *blogs* e canais enquanto leitora e enquanto alguém que busca outras perspectivas a respeito de livros que já leu e também indicações de novas leituras, de resenhistas com olhares e gostos próximos. Alguns vídeos foram escolhidos a partir da ferramenta do *Youtube* “Reprodução automática” que recomenda vídeos relacionados ao que está sendo assistido.

Retomando o artigo de Rüsche, a pesquisadora apresenta alguns fatos que reforçam a dúvida em torno do “novo” sucesso de *O conto da aia*. Afinal, segundo ela, o livro já esteve

durante 23 semanas na lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times*, foi traduzido para mais de 35 idiomas, adaptado para filme em 1990, recebeu um programa de rádio na BBC (*British Broadcasting Corporation*) e uma adaptação em formato de ópera. A primeira e talvez mais fácil resposta para o retorno de Atwood às prateleiras das livrarias e listas de mais vendidos é a sua mais recente adaptação, em formato de seriado, chamada *The Handmaid's Tale* (título do livro no original, em inglês), criada por Bruce Miller e transmitido pela emissora de *streaming* Hulu, desde 2017. A segunda resposta que Rüsche propõe é a ascensão de políticas conservadoras que estão presentes no livro e que parecem se concretizar na vida real. Ela usa como exemplo a vitória, em 2017, do presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, um candidato abertamente conservador e misógino, e relata em seu artigo que estava em Nova York na semana da eleição e viu em uma manifestação um cartaz com a frase “*Make Margaret Atwood fiction again!*” (façam Margaret Atwood voltar a ser ficção de novo!). Ainda, Rüsche afirma que *O conto da aia* apresenta o que ela chama de “uma pedagogia da resignação”, teoria que ela explora a fundo em sua tese, e que consiste em trazer em suas páginas “um manual de como se acostumar a catástrofes, de como sobreviver a notícias inimagináveis, de como ler notícias assustadoras e seguir os dias”. A escritora afirma que o livro te prepara para suportar tempos sombrios.

Também é importante olharmos para o contexto histórico no qual Margaret Atwood publica *O conto da aia*. Rüsche lembra do presidente Ronald Reagan, nos Estados Unidos da América, reeleito em 1984, apenas um ano antes da publicação do livro de Atwood, impulsionado por movimentos religiosos e movimentos contrários à libertação das mulheres. Rüsche contextualiza esse momento em sua tese *Utopia, feminismo e resignação em The left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale*, conforme trecho a seguir:

É uma época de acendimento dos faróis das correntes conservadoras, a exemplo das eleições de Margaret Thatcher e de Ronald Reagan. Assiste-se a um forte crescimento de movimentos religiosos de direita, como *religious rights*, e culturais, como a reunião da *Moral majority* nos Estados Unidos, em 1979, que tinha por objetivos tanto frear os “avanços da revolução sexual” das décadas antecedentes quanto combater as perigosas ideias vermelhas que “ventavam do leste” a todas as partes. No que se refere especificamente às conquistas de emancipação de movimentos de mulheres, é marcado pelo *backlash*, recrudescimento cultural que põe em xeque muitas conquistas anteriores. (RÜSCHE, 2015, p. 56).

Em contrapartida, o momento de publicação de *O conto da aia* conta com a ascensão da segunda onda feminista entre os anos 1960 e 1980 nos Estados Unidos. Rüsche cita o texto *O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história* da filósofa Nancy Fraser, no qual Fraser aponta “um monumental fenômeno social que marcou uma época” indicando que nesse momento as mulheres passam a denunciar as injustiças localizadas na família, nas tradições culturais, na sociedade civil e na vida cotidiana.

Desse modo, vemos que o livro de Atwood traduziu muito bem os medos e anseios das mulheres (brancas e de classe média) do século XX, que estavam garantindo direitos individuais básicos, mas que lutavam contra a possibilidade de perdê-los constantemente.

Voltando para 2017, Rüsche olha para o Brasil para fazer uma comparação ao conservadorismo de Donald Trump. Ela utiliza o exemplo do afastamento da presidenta eleita Dilma Rousseff, afirmando que “instaura-se uma salada corrupto-conservadora que faria até a política do Brasil Império corar” e, ainda, que

[...] nas notícias brasileiras, assistimos a empresários aplaudindo trabalho escravo, ao governo convocando a “caça ao ouro” em área de conservação ambiental, políticos clamando por educação religiosa obrigatória, ao mesmo tempo em que são atacadas certas religiões, como o candomblé e a umbanda. (RÜSCHE, 2017)

É a partir desse contexto que vamos analisar a recepção de *O conto da aia* no Brasil. No site da Editora Rocco, responsável pela publicação dos livros de Margaret Atwood no Brasil, foi anunciada a nova edição de *O conto da aia* em maio de 2017. É interessante perceber que na postagem do blog da editora para anunciar o relançamento do livro há uma justificativa, similar à apresentada por Rüsche, para a nova edição. De acordo com a postagem:

O conto da aia foi escrito em 1985, mas ganhou status de oráculo após a eleição de Donald Trump nos EUA, voltando a ocupar posição de destaque nas listas do mais vendidos em diversos países 30 anos após o seu lançamento, além de ter inspirado a série homônima (*The Handmaid's Tale*, no original), recém-lançada pelo canal de streaming Hulu. (EDITORA ROCCO, 2017)

No blog Momentum Saga existem três postagens dedicadas ao livro de Atwood. A autora do blog escreve sob o pseudônimo de Sybylla, e se descreve como geógrafa, professora e mestre em Paleontologia, além de escritora de ficção científica. A autora afirma

que seu blog é um espaço de acolhimento, especialmente para “as mulheres, moças, qualquer nerd apaixonada que foi expulsa de outras páginas” (MOMENTUM SAGA, 2010), além de afirmar ser um espaço onde não se admite preconceitos, racismo, machismo, homofobia e nenhum outro tipo. Os principais conteúdos do blog são relacionados à ficção científica.

A primeira resenha do blog sobre *O conto da aia* data de 26 de novembro de 2015. Nos primeiros comentários sobre o livro, Sybylla afirma que foi muito difícil terminar o livro, considerando o momento na política brasileira “onde direitos das mulheres estão sob ameaça por uma bancada reaçã e fundamentalista”. Apesar de afirmar que não consegue apreciar a escrita de Atwood, Sybylla comenta que acha incrível o quanto toda a crítica que a autora faz na obra se mantém atual, já que as mulheres continuam passando pela mesma cultura do estupro que as personagens enfrentam no livro. Também comenta sobre como Atwood extrapola as situações para que os leitores entendam a crítica que o livro faz, que é o aspecto distópico do livro. A autora da resenha comenta que a dificuldade em ler o livro está no momento da leitura, afirmando que

Mulheres estão indo às ruas para protestar contra opressão, contra retirada de direitos, contra racismo, enquanto nossa bancada evangélica a lá Gilead quer dificultar o acesso das mulheres à profilaxia da gravidez e quer mesmo impedir que elas tenham informações sobre aborto nos casos previstos em lei. (...) Atwood tira o leitor da zona de conforto para falar da cultura do estupro, liberdade, direitos civis e das mulheres, poder e fundamentalismo. (MOMENTUM SAGA, 2015).

Na segunda postagem do blog, de 08 de dezembro de 2015, a autora recupera algumas características da ficção científica para falar sobre *O conto da aia*. De acordo com ela, na ficção científica imaginamos mundos, pessoas, enredos, mas em geral extrapolamos o presente ao máximo para enaltecer problemas e/ou criticar algo (MOMENTUM SAGA, 2015). Como faz na primeira crítica, comenta que a dificuldade da leitura se dá na identificação com a vida retratada no livro, pois ainda estamos em um mundo que julga mulheres pela roupa que vestem, pela sua profissão, a escolha de ter filhos ou não. Sybylla comenta um ponto importante que é constantemente mencionado nos comentários sobre *O conto da aia*, que é o fato de Margaret Atwood ter declarado que baseou todos os acontecimentos do livro em episódios que já aconteceram na história³. Outro aspecto

³ Essa declaração se encontra na entrevista concedida por Margaret Atwood ao jornal britânico *The Guardian* em 20 de janeiro de 2012, na qual ela afirma “Criei uma regra para mim: não incluiria nada que os seres humanos ainda não tivessem feito em outro lugar ou época (...) Eu não queria ser acusada de invenções obscuras

relevante da resenha é a comparação que a autora do blog faz do estado que se instaura no livro com o Talibã e o Estado Islâmico, e como, nesses contextos políticos e sociais, o controle do corpo da mulher é uma das formas mais eficazes de controle social.

Ainda considero importante citar brevemente a última resenha do blog Momentum Saga, que fala sobre a série *The handmaid's tale* em comparação ao livro, publicada em 10 de agosto de 2017. Sybylla afirma em sua resenha que *O conto da aia* se torna uma advertência e não só mais uma obra de ficção. Novamente aqui temos uma comparação com o governo de Donald Trump, e a autora da resenha menciona como as mulheres foram às ruas nos Estados Unidos para manifestar, vestidas de aias, contra medidas do governo norte-americano. No final da resenha a autora afirma que devemos nos apropriar de obras como *O conto da aia* para garantir a resistência (MOMENTUM SAGA, 2017).

O blog Delirium Nerd é um “site colaborativo escrito por mulheres, com matérias sobre cultura, comportamento e representação feminina, com destaque em produções feitas e protagonizadas por mulheres” (DELIRIUM NERD, 2016). Além de resenhas detalhadas sobre os episódios da série *The handmaid's tale*, o site possui uma crítica sobre o livro de Margaret Atwood, escrito por uma de suas colaboradoras, Athena Bastos, e publicada em 20 de abril de 2017.

Um dos aspectos mais interessantes a respeito da crítica de Athena Bastos é que ela apresenta a ideia de que o diferencial de *O conto da aia* é que a protagonista revela através da narrativa como a tomada do poder nessa sociedade se deu. De acordo com Bastos,

[...] ao contrário de outras distopias, que focam na opressão de um sistema já instaurado e relegam a origem deste a rápidas menções, *O conto da aia* reserva inúmeras passagens na abordagem de como houve este processo. As memórias de Offred, cujo nome original nunca é revelado, destinam-se não somente a explorar os sentimentos da protagonista como também a revelar os elementos na sociedade que propiciaram a instauração de um sistema autoritário teocrático e de como as mudanças se deram de forma gradativa. Revela, portanto, perigos existentes também nas sociedades democráticas contemporâneas (BASTOS, 2017).

e distorcidas ou de deturpar o potencial humano de um comportamento deplorável. Os enforcamentos em grupos, o despedaçar dos seres humanos, as roupas específicas para castas e classes, a gravidez forçada e a apropriação dos resultados, as crianças roubadas pelos regimes e colocadas para educação de autoridades, a proibição da alfabetização, a negação dos direitos de propriedade: todos tinham precedentes e muitos eram encontrados não em outras culturas e religiões, mas na sociedade ocidental e na própria tradição ‘cristã’.” (Tradução livre da autora deste trabalho). Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2012/jan/20/handmaids-tale-margaret-atwood>>. Acesso em: novembro de 2019.

Ainda assim, afirma que o maior diferencial do livro é o protagonismo da mulher e seu papel na sociedade. A resenhista declara que a obra revela a fragilidade dos direitos das mulheres adquiridos ao longo dos últimos anos e como a opressão é mascarada pelo mito de que às mulheres foi concedido pleno poder sobre suas vidas (Ibid.). Encerra sua crítica comentando que a ficção científica se mescla com uma profunda reflexão social e que nesta distopia, não muito diferente da nossa sociedade contemporânea, “(...) a mulher é uma escrava das vontades masculinas independentemente de sua posição, seja uma esposa, uma aia ou uma prostituta.” (Ibid.).

Também foi publicada uma resenha sobre o livro no blog Valkirias. Na página principal do blog, seu projeto é apresentado:

Somos um site sobre cultura pop, feito por mulheres e para mulheres, que busca discutir música, cinema, tv, literatura e games sob uma perspectiva feminista, problematizando e levantando questões que muitas vezes são ignoradas em espaços mais abrangentes. (VALKIRIAS, 2017).

Thay, a autora da publicação datada de 13 de fevereiro de 2017, inicia a resenha explicando que a leitura do livro, que já era planejada, só se realizou com a aproximação da estreia da série *The Handmaid's tale*. Ela faz uma comparação de *O conto da aia* com outras distopias famosas, como *Jogos Vorazes* e *Divergente*, no entanto, ao contrário dessas obras, o livro de Atwood não apresenta o que Thay chama de “(...) uma escolhida que salvará a humanidade da ruína” (Ibid.).

Assim como em outras resenhas, nesta não falta o sentimento de medo da leitora com relação à proximidade da história do livro com a vida real. Thay afirma que

O Conto da Aia é uma história muito perturbadora que, mesmo passados 30 anos desde sua primeira publicação, em 1985, continua ecoando os medos de mulheres de todo o mundo. Com líderes mundiais cada vez mais esdrúxulos e com ideais bizarros, não é difícil imaginar um mundo em que nossos direitos são tolhidos e nossa autonomia, usurpada. (Ibid.).

Ainda, expõe que Margaret Atwood tem o papel de provocar uma reflexão sobre uma história que teoricamente seria distópica mas que muito tem a ver com o mundo real. De acordo com autora da crítica, o fato de mulheres serem silenciadas, perseguidas, assediadas, estupradas e mortas todos os dias não é apenas o enredo de uma distopia. Thay comenta em

sua resenha que não foi uma leitura fácil e que os temas abordados por Atwood em 1985 ainda permanecem reais e assustadores. Também retoma a fala de Atwood sobre os acontecimentos do livro terem se passado na vida real quando afirma que “não há nada em sua narrativa que uma mulher não conheça” (Ibid.) e finaliza sua resenha fazendo uma espécie de apelo ao afirmar que precisamos do feminismo para que futuros como o de Gilead não sejam possíveis.

O clube de leitura Leia Mulheres, que tem por objetivo, de acordo com a parte “Sobre nós”, no site do projeto, “convidar a todos a nos acompanharem nas leituras de obras escritas por mulheres, de clássicas a contemporâneas”, administra um *blog* que contém resenhas, entrevistas com autoras e os calendários das reuniões do clube de cada cidade. Criado em 2014 pela escritora britânica Joanna Walsh, foi trazido para o Brasil por Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques em 2015. No dia 11 de novembro de 2019, através da página oficial do Clube no *Twitter* foi anunciado que o Clube Leia Mulheres está presente em todos os estados brasileiros.

No *blog* do Clube existe uma postagem para *O conto da aia*, datada de 20 de julho de 2015 e escrita por Stephanie Borges. Stephanie inicia sua resenha afirmando que leu a obra de Atwood influenciada por uma postagem no *Twitter* da poeta Angélica Freitas indicando a autora canadense, e que esse foi um dos livros que a fez pensar sobre ler mais livros escritos por mulheres. Ela compara *O conto da aia* com outras distopias, como *1984* e *Admirável mundo novo*, mas afirma que “(...) em tempos de avanços de pautas conservadoras e bancadas religiosas, o livro traz alguns aspectos ainda mais aterrorizantes.” (BORGES, 2015). Ainda declara que “(...) é assustador por mostrar como direitos duramente conquistados podem ser ameaçados pelo uso da força e por expor como a religião pode servir de justificativa para garantir os privilégios de uns e a miséria de outros.” (Ibid.). A autora da resenha também afirma que Atwood deixa no livro uma mensagem sobre desobediência e resistência, e que a obra é um alerta para que os acontecimentos da história fiquem restritos no campo da ficção. Essa resenha também possui uma menção à regra criada por Atwood durante a escrita de seu livro, a partir da qual ela não inventou nenhum dos eventos presentes no livro, mas se baseou em fatos históricos.

No *blog* Leitor Compulsivo, a resenha foi publicada em 15 de agosto de 2017 por Jeff Rodrigues. Jeff divide a resenha na postagem entre Sinopse Rocco (editora responsável pela publicação do livro, como vimos acima) e Opinião. Na parte de Opinião, o autor da resenha ainda acrescenta alguns fragmentos do livro, pois afirma que “A despeito da sinopse focar em um marketing bem específico em torno dos Estados Unidos de 2017, a trama escrita por Margaret Atwood vai muito além disso.” (RODRIGUES, 2017). De acordo com as suas impressões da narrativa, afirma que *O conto da aia* tem inspiração clara na Revolução Islâmica de 1979 que transformou o Irã em uma república islâmica teocrática. Para Jeff, a ficção produzida por Atwood nessa obra reflete muitas realidades da atualidade, declarando que

A barbárie que acontece ficticiamente em Gilead, principalmente e quase unicamente com as mulheres, acontece nas vielas e becos de países mundo a fora. As perseguições políticas e assassinatos de opositores de governos são realidade pouco além de nossas fronteiras. O radicalismo imposto, e aceito, é apontado como a saída para muitos dos problemas que assolam Oriente e Ocidente. Em suma, *O Conto da Aia* traz desconforto porque ele se mostra ameaçadoramente real em discursos e noticiários que temos acesso diariamente. (Ibid.).

Jeff Rodrigues finaliza sua resenha comentando que não é uma obra de leitura fácil e descontraída. Segundo ele, *O conto da aia* é uma distopia poderosa para ser lida e assimilada em toda a sua essência, alertas e mensagens. “É simplesmente uma obra-prima.” (Ibid.).

O canal Literature-se transmitido através da plataforma *Youtube* é apresentado por Mell Ferraz e propõe ser “um site/canal sobre literatura feito por uma estudante de Estudos Literários que possui sempre a vontade de conversar com o mundo sobre sua maior paixão: os livros” (LITERATURE-SE, 2017). No vídeo dedicado ao livro *O conto da aia*, postado em 06 de novembro de 2017, Mell Ferraz inicia o vídeo pedindo que o espectador imagine que vive em um país democrático no qual de repente todos os políticos são mortos e que esse massacre é orquestrado por um grupo de religiosos fanáticos que o faz de uma maneira muito violenta e repressiva. Ainda, segundo ela, esse grupo implanta uma ditadura com censura e medo e pede que o espectador imagine que seus próprios pensamentos não são mais sua propriedade. Ela também pede que imaginemos que o planeta está se deteriorando e que notamos isso a partir de informações deturpadas como uma alta taxa de infertilidade, abortos e deformidades de bebês recém-nascidos, além de desastres naturais e biológicos. Ela afirma que é nesse cenário que o novo governo vai criar uma hierarquia na qual a mulher fértil só

serve para a finalidade de procriar, alertando que “o útero não é seu, o filho não é seu, qualquer escolha não é sua” (Ibid.).

A apresentadora do canal declara que se sentiu tão impotente quanto a própria narradora da obra durante a leitura. Um dos comentários que faz a respeito do livro é sobre a falta do nome da personagem principal, uma vez que na história as aias são chamadas por um nome criado a partir da aglutinação da preposição em língua inglesa *of* (em português “de”) seguida do nome do homem responsável pela casa que foi designada. Além de discutir questões de gênero, Mell Ferraz afirma que o livro discute liberdade de expressão, regimes ditatoriais, religião e meio ambiente. No vídeo ela também menciona a questão distópica presente no livro, e como, através dela, é possível discutir sobre coisas que acontecem até mesmo na nossa sociedade e não em um futuro imaginado, como é o caso de *O conto da aia*. Nesse sentido, alude à entrevista da autora Margaret Atwood, na qual declarou ter utilizado apenas fatos que já tinham acontecido, ou estavam acontecendo, quando o livro foi publicado em 1985. Finalizando o vídeo, Mell Ferraz afirma que acompanhou discussões nas quais os leitores se perguntam, após a leitura do livro, se a história contada em *O conto da aia* realmente pode acontecer, que esse temor de fato existe na comunidade de leitores e que a entrevista de Atwood reforça esse medo, uma vez que os fatos que se passam no livro já aconteceram na história antes.

A apresentadora Ju Cirqueira inicia sua resenha em vídeo, publicada no Youtube em 13 de abril de 2018, comentando sobre o sucesso da série de TV *The Handmaid's Tale* em 2017 e como a série impulsionou a leitura do livro. Um dos pontos mais interessantes da resenha de seu canal, intitulado Nuvem Literária, é a menção a um dos possíveis gêneros atribuídos ao livro, utilizado pela própria autora Margaret Atwood, de ficção especulativa. Segundo a apresentadora da resenha, ficção especulativa seria “uma ficção mais próxima do que pode vir a ser a nossa realidade” (JU CIRQUEIRA, 2018).

Ela afirma que o livro aborda um tema que se aproxima um pouco da nossa realidade, não necessariamente aqui no Brasil, “(...) apesar de ter alguns aspectos semelhantes” (Ibid.), mas pode ser que isso venha a acontecer em alguns lugares do mundo ou até já esteja acontecendo, mesmo que parcialmente. Ainda, de acordo com ela, apesar da situação do livro ser muito extrema, o fato de ser considerado uma ficção especulativa já traz um certo temor.

Ju Cirqueira comenta que a obra faz o leitor se sentir sufocado durante a leitura, principalmente se for uma mulher, uma vez que a história do livro é o extremo do pior que pode acontecer com uma mulher em uma sociedade.

Um dos canais dedicados a resenhas de livros mais populares do Youtube⁴, da *booktuber* Tatiana Feltrin, que indica nas descrições de seus vídeos a proposta de seu canal - “ligando livro a pessoas” (TATIANAGFELTRIN, 2017) - também apresenta uma crítica ao livro de Atwood, publicada em 25 de junho de 2017. Além de contar a história do livro, Feltrin explica a passagem da Bíblia do livro de Jacó no qual a história de *O conto da aia* é inspirada para comentar sobre a natureza religiosa da ordem que comanda a sociedade presente no livro.

Duas das resenhas analisadas neste trabalho se voltam à parte final do livro e uma delas é a de Tatiana Feltrin. De acordo com ela, o discurso apresentado pelo professor nas Notas Históricas levanta dúvidas com relação às fitas gravadas e deixadas pela personagem principal do livro. Ela ainda levanta a seguinte questão “a gente vai ficar se perguntando em um dado momento, e se fosse um homem que tivesse deixado esse registro, será que ele acreditaria?” (Ibid.). Feltrin finaliza sua crítica em vídeo afirmando que a situação da protagonista é simplesmente inacreditável e que é difícil se colocar no lugar dela e ainda que é um livro assustador e melancólico o tempo inteiro.

No canal Abstração Coletiva, Luana Werb inicia sua crítica, publicada em 19 de novembro de 2017, após apresentar um breve resumo da obra, citando a escritora francesa Simone de Beauvoir, quando afirmou que “basta uma crise política, econômica ou religiosa para os direitos das mulheres serem questionados”. Também menciona alguns fatos históricos que inferiu durante sua leitura de *O conto da aia*, como o passado do Afeganistão, quando mulheres podiam votar e frequentar a universidade, até perderem os seus direitos devido ao extremismo religioso, e como o caso da jovem Malala, que quase foi morta no Paquistão aos quinze anos de idade por defender os direitos das mulheres de estudar. Nesse sentido afirma

⁴ O canal em questão possui 383 mil pessoas inscritas e o vídeo dedicado a *O conto da aia* possui 148.748 visualizações (em 26 de novembro de 2019).

que “quanto mais paralelos nós traçamos entre o universo de *O conto da aia* e o mundo real, mais assustadora fica a história” (ABSTRAÇÃO COLETIVA, 2017).

De acordo com Werb, de todas as coisas que ela poderia falar sobre o livro, o ponto que escolhe abordar é, segundo ela, “a maior de todas as violências” (Ibid.), silenciar o oprimido. Dessa forma, comenta que na história do livro praticamente todas as mulheres são proibidas de ler e escrever e que suas histórias não devem ser contadas. Ela ainda menciona, como em outras resenhas, a censura do próprio nome das personagens como forma de silenciá-las. No mesmo caminho da resenha de Tatiana Feltrin, Luana Werb menciona o epílogo do livro no que diz respeito ao silenciamento da narrativa da aia. Werb analisa o final do livro como brilhante, uma vez que na parte final a versão da história registrada pela aia é colocada em xeque, ela é desacreditada por ser mulher e por não ser uma fonte oficial. O resultado que esse epílogo produz é justamente o de mostrar que, ainda que o tempo em que a história de *O conto da aia* tenha ficado no passado, o silenciamento, o preconceito de gênero e a descrença na mulher persistem, e esses pensamentos seriam, de acordo com a resenhista, “embriões para que a história se repita” (Ibid.).

4.2 Análise dos resultados: *blogs* e *booktubers*

Tendo em vista as resenhas apresentadas acima, mostra-se necessário elucidar algumas questões que se articulam neste trabalho a partir das resenhas e vídeos pesquisados. Qual é a diferença, afinal, das resenhas escritas em *blogs* e dos vídeos postados no *Youtube*? Elas alcançam a mesma quantidade de leitores/espectadores? E quais são os comentários que esses leitores/espectadores fazem sobre esse conteúdo? Existe alguma particularidade no resenhista que se comunica visualmente e não através do texto? E, ainda, o que há de comum entre essas postagens?

Uma das formas de analisarmos o alcance e até mesmo a recepção dessas postagens pelos leitores/espectadores, é através dos comentários, uma vez que nos *blogs* não é informado o número de visualizações de cada postagem, ao contrário dos vídeos no *Youtube*. Em *blogs*, os comentários são muito reduzidos quando comparados aos deixados em vídeos no *Youtube*. Por exemplo, no Blog da Editora Rocco anunciando o relançamento do livro localizamos sete comentários, nas três postagens realizadas no *blog* Momentum Saga contabilizamos apenas onze comentários e no *blog* Valkirias, apenas seis. Nos *blogs* Delirium Nerd, do Clube Leia Mulheres e Leitor Compulsivo não localizamos espaços para comentários de leitores, apenas ferramentas para compartilhamento das resenhas em redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*.

Já no *Youtube* o cenário é completamente diferente. O canal Literature-se possui 121 mil inscrições de usuários e o vídeo dedicado ao livro *O conto da aia* possui mais de nove mil visualizações além de 62 comentários. A apresentadora Ju Cirqueira, do canal Nuvem Literária, possui 201 mil inscritos e o vídeo analisado acima quinze mil visualizações e 108 comentários. Já o canal Abstração coletiva conta com mais de treze mil inscritos e o vídeo sobre a obra em questão mais de quatro mil visualizações e 54 comentários. Como mencionado anteriormente, uma das *booktubers* de maior sucesso no *Youtube*, Tatiana Feltrin, possui 383 mil pessoas inscritas em seu canal e o vídeo dedicado a *O conto da aia* possui 148.748 visualizações e mais de 400 comentários.

Concluimos, a partir desses dados, que a maior diferença entre a visualização de uma resenha postada em um *blog* e um vídeo carregado no *Youtube* é o grande sucesso dessa

última plataforma, observado através da quantidade de comentários e visualizações. Além de ser uma das plataformas de entretenimento mais visitadas entre os países, conforme mencionado no capítulo 2 deste trabalho, o *Youtube* agrega todos os vídeos em um só ambiente, indicando vídeos relacionados de canais diferentes para o espectador, incentivando o crescimento no número de visualizações dos vídeos.

Quando um leitor interessado em uma resenha de um livro faz uma pesquisa em um domínio de buscas como o *Google*, por exemplo, ele vai receber como resultado inúmeras possibilidades de resenhas, em *blogs* variados, sites de jornais, e até mesmo os vídeos no *Youtube* compatíveis com a sua busca. Mas esse leitor também pode buscar diretamente as resenhas em vídeos no *Youtube* e receber, na mesma plataforma, diversos resultados.

Nesse sentido, enquanto plataforma muito presente nos dias de hoje para busca de conhecimento e entretenimento, o *Youtube* está na frente dos *blogs* em termos de visualização e presença no cotidiano do leitor que busca por esse tipo de conteúdo.

Ainda assim, apesar da diferença quantitativa, os comentários de leitores dos *blogs* e dos espectadores dos vídeos postados no *Youtube* se assemelham, principalmente no sentido do incentivo à leitura nos casos de leitores/espectadores que ainda não leram o livro e na recepção da obra, quando comentam sobre a proximidade da história com a realidade, por exemplo, assim como os resenhistas.

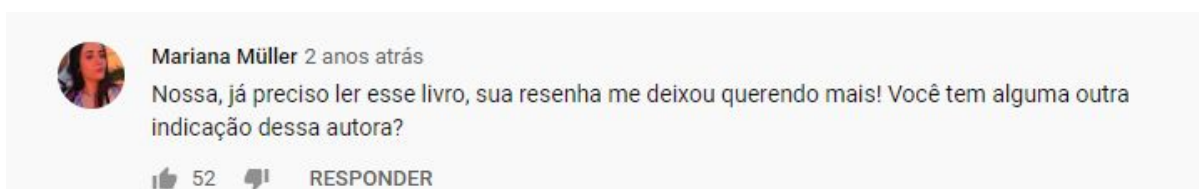
Os comentários abaixo, todos de resenhas e vídeos analisados acima, no *blog* Momentum Saga, e nos vídeos do canal da Tatiana Feltrin e do canal Literature-se, refletem o estímulo que as resenhas causam no leitor/espectador e as semelhanças do livro com a realidade notadas pelos leitores:

Figura 1 - Comentário de Ana de Almeida na resenha “O pesadelo da aia”.



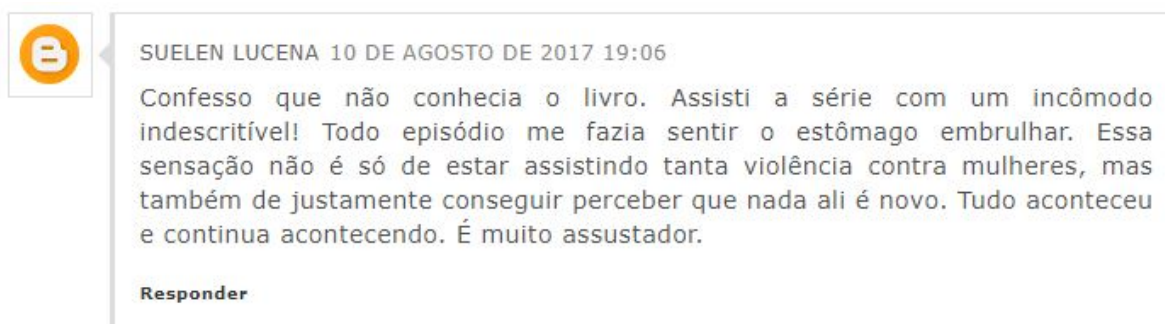
Fonte: <https://www.momentumsaga.com/2015/12/o-pesadelo-da-aia.html>

Figura 2 - Comentário de Mariana Müller no vídeo da *booktuber* Tatiana Feltrin.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=sT7hd3WLhQo>

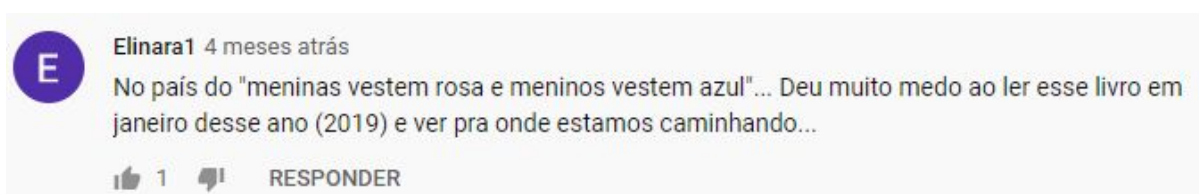
Figura 3 - Comentário de Suelen Lucena na resenha “O Conto da aia não é mais só uma ficção”.



Fonte:

<https://www.momentumsaga.com/2017/08/o-conto-da-aia-nao-e-mais-so-uma-ficcao.html>

Figura 4 - Comentário de Elinara1 no vídeo do canal Literature-se.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1nLHMgBa2Cs>

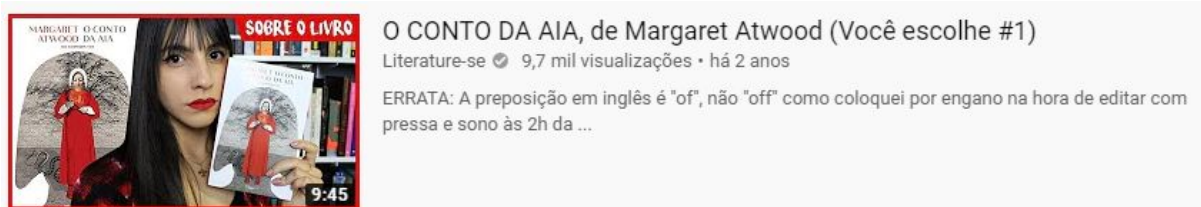
É possível perceber muitas semelhanças nas resenhas apresentadas acima, nas escritas e nas visuais. De modo geral, elas apresentam uma sequência similar: a resenhista apresenta os dados principais da obra e a história do livro e depois suas impressões pessoais. Vemos

que muitas apontam momentos do livro que estão presentes ou lembram a vida real, como a mencionada “cultura do estupro”, apresentam exemplos como a jovem Malala e o passado do Afeganistão, e mencionam a entrevista de Margaret Atwood sobre os episódios do livro serem baseados em eventos históricos reais, além de comentarem sobre a dificuldade de ler o livro por conta de sua temática especialmente para as mulheres leitoras. Nos dois casos, das resenhas escritas e em vídeo, os resenhistas pedem para que os leitores deixem suas impressões sobre a resenha e o livro nos campos de comentários. No caso dos *blogs*, naqueles em que esse espaço está disponível.

Dessa forma, entendemos que a escolha pelo *blog* ou pelo *Youtube* é muito mais estratégica, no sentido de que o *Youtube* é uma plataforma de muito sucesso atualmente, visto a quantidade de visualizações e interações apresentadas acima, do que uma necessidade de comunicação estritamente visual por parte do resenhista, uma vez que a estrutura das resenhas, escritas e em vídeo, é bastante similar.

Mesmo assim, é interessante ressaltar que a resenha em vídeo oferece possibilidades que a escrita não disponibiliza. O vídeo do canal Abstração Coletiva conta com cenas da série *The Handmaid's Tale* para que a apresentadora do canal consiga ilustrar visualmente o que está contando da história do livro. Além disso, podemos observar um certo tipo de performance das resenhistas, aqui pelo menos em dois casos. As apresentadoras dos canais Literature-se e Abstração Coletiva assumem uma postura mais séria do que o esperado de um vídeo de resenha literária, ou quando comparadas com outras resenhistas, o que entendemos como uma reação à história do livro e aos temas levantados. Na figura 5 abaixo vemos a imagem que a apresentadora do canal Literature-se utiliza como uma capa de divulgação do seu vídeo, com uma expressão séria e o batom vermelho que nos remete à capa do livro e à cor da roupa utilizada pelas aias.

Figura 5 - Capa de divulgação do vídeo do canal Literature-se.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1nLHMgBa2Cs>

Nesse sentido, percebemos que, ainda que os dois tipos de resenha se mostrem suficientes no que diz respeito à estrutura e conteúdo, algumas resenhistas utilizam estratégias inerentes ao *Youtube* e à produção audiovisual para atrair espectadores e tornar a experiência da resenha mais completa e interessante.

5: FEMINISMO E LITERATURA COMO RESISTÊNCIA

Conforme vimos acima, as resenhas dos *blogs* e os vídeos do *Youtube* estão diretamente ligados com a temática feminista que aborda o cerceamento dos direitos das mulheres levantada em *O conto da aia*. Logo, vemos a leitura compartilhada e a motivação que a obra traz às pautas feministas como um conjunto indissociável.

Antes de refletirmos sobre a importância de *O conto da aia* no contexto brasileiro da militância feminista, é relevante definirmos o conceito de feminismo e como ele se apresenta, levando em consideração o avanço de uma agenda conservadora e autoritária na política, que tem reivindicado uma nova perspectiva para o movimento feminista no Brasil. De acordo com Luis Felipe Miguel,

Como corrente intelectual, o feminismo, em suas várias vertentes, combina a militância pela igualdade de gênero com a investigação relativa às causas e aos mecanismos de reprodução da dominação masculina. (...) Embora um certo senso comum, muito vivo no discurso jornalístico, apresente a plataforma feminista como “superada”, uma vez que as mulheres obtiveram acesso à educação, direitos políticos, igualdade formal no casamento e uma presença maior e mais diversificada no mercado de trabalho, as evidências da permanência da dominação masculina são abundantes. Em cada uma dessas esferas - educação, política, lar e trabalho - foram obtidos avanços, decerto, mas permanecem em ação mecanismos que produzem desigualdades que sempre operam para a desvantagem das mulheres. (MIGUEL, 2014, n.p).

Um desses mecanismos que produzem desigualdades que operam para a desvantagem das mulheres é, por exemplo, a escassa representação de mulheres na vida política. De acordo com Lilia Moritz Schwarcz em *Sobre o autoritarismo brasileiro*, terminadas as eleições de 2018, temos 77 deputadas para 513 deputados federais, totalizando apenas 15% das cadeiras (2019, p. 187). Nesse sentido, não é possível que as pautas políticas que protejam os direitos das mulheres sejam votadas de acordo com nossos interesses e necessidades, uma vez que não existe representação política igualitária.

Até mesmo o avanço que foi encontrado em alguns setores, no que diz respeito à igualdade de gênero, traz consequências violentas para a mulher. Schwarcz afirma que os homens passaram a se sentir prejudicados e inseguros diante da crescente autonomia e

independência conquistada pelas mulheres. Assim, segundo a autora, “quanto mais elas alcançam postos elevados no trabalho e fora de casa, mais se avolumam os casos de feminicídio.” (SCHWARCZ, 2019, p. 194).

O feminicídio é o assassinato em função do gênero. No Brasil, de acordo com dados do Relógio da Violência, órgão vinculado ao Instituto Maria da Penha, a cada 7,2 segundos uma mulher é vítima de violência física. O Mapa da Violência 2015 destaca que, apenas em 2013, treze mulheres morreram a cada dia, vítimas de feminicídio, sendo que cerca de 30% dos assassinatos foram cometidos pelo parceiro, ex-marido ou ex-companheiro. (Ibid., p. 185). Ainda, segundo dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) 88% das vítimas de assédio são do sexo feminino. O Atlas da Violência 2018 aponta que 68% dos casos de “violência sexual” referem-se a estupros de menores de idade, quase um terço dos agressores das crianças (até treze anos) são amigos e conhecidos delas, e outros 30% são familiares próximos, como pais, mães, padrastos e irmãos. (Ibid., p. 191). Percebemos através desses dados a banalização da violência contra a mulher e como a “cultura do estupro” mencionada no capítulo anterior é autorizada no Brasil. Dessa forma, podemos entender como a militância feminista ainda é muito necessária em nosso país na tentativa de combater todos esses preconceitos e violências.

Uma forma de protesto vislumbrada por um grupo de mulheres em Brasília em 03 de agosto de 2018 foi o uso de roupas inspiradas em *O conto da aia* em ato pela descriminalização do aborto, conforme reportagem publicada no portal de notícias G1. De acordo com a repórter Marília Marques, o protesto coincidiu com a discussão do tema no Supremo Tribunal Federal na mesma data. Segundo a matéria, a performance, ilustrada abaixo na Figura 6, foi montada em frente ao prédio do STF, enquanto, na área interna do edifício, ativistas favoráveis e contrários à interrupção da gravidez até 12 semanas de gestação apresentavam pontos de vista no plenário.

A descriminalização do aborto e o direito das mulheres de escolher fazê-lo ou não são aspectos da liberdade reprodutiva que estão presentes nas pautas do movimento feminista desde o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970. De acordo com a intelectual e teórica feminista bell hooks, “a questão do aborto chamou atenção da mídia de massa porque realmente desafiou o pensamento cristão fundamentalista. Desafiou diretamente a noção de

que a razão da existência de uma mulher é gerar crianças” (hooks, 2018, p. 52). A questão do aborto, segundo ela, era um desafio direcionado à igreja.

Figura 6 - Ativistas se vestem de aias em protesto pela descriminalização do aborto

— Foto: Marília Marques/G1



Fonte:

<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/08/03/mulheres-usam-roupas-de-o-conto-da-aia-em-ato-pela-descriminalizacao-do-aborto-em-brasilia.ghtml>

Não nos surpreende, portanto, que mulheres estejam protestando a favor de sua liberdade reprodutiva nos dias de hoje utilizando como forma de protesto uma fantasia que simboliza justamente a total aniquilação de seus direitos por parte do Estado. Os dados revelados acima mostram o quanto nossa liberdade é frágil e nos parece constantemente ameaçada. Como afirmou a resenhista do *blog* Momentum Saga e como vimos através da reportagem citada acima, precisamos nos apropriar da arte, da literatura e de obras como *O conto da aia* para resistirmos aos tempos obscuros que infelizmente não parecem cessar.

CONCLUSÃO

Após observarmos como a recepção da obra *O conto da aia* se deu no Brasil nos últimos anos, tanto dentro de um contexto literário, mas também enquanto forma de resistência política, podemos nos dedicar às considerações finais acerca deste trabalho.

É interessante resgatar o conceito de leitura enquanto experiência defendido por Stanley Fish e Marcel Proust quando pensamos na concretização da obra enquanto protesto, conforme visto acima. Proust defendia que o leitor aplica o que lê em sua vida e é isso que podemos observar tanto das resenhas, que traçam paralelos da ficção com o real, quanto do ato realizado em Brasília.

Também percebemos a distância entre uma teoria da literatura e a potência de uma resenha publicada na internet. Como foi apresentado, o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação abre espaço para a disseminação de conhecimento e a descentralização da academia e de um suposto saber superior.

Uma das consequências da leitura de resenhas publicadas em *blogs* e da visualização das resenhas em vídeos do *Youtube* é a democratização do pensamento literário e da experiência de leitura através do compartilhamento e mediação, por parte dos resenhistas, que muitas vezes não seria possível fora da internet.

Ainda, devemos considerar a mais recente adaptação do livro para a série de televisão, *The Handmaid's Tale*, como uma importante aliada no resgate da obra por parte dos leitores. Ainda que parte da audiência da série não leia o livro, o debate em torno das questões presentes na história é alcançado e esse é um dos méritos das adaptações de obras literárias, o alcance que muitas vezes o livro não viabiliza.

Algumas questões que foram apresentadas no percurso deste trabalho também devem ser retomadas. Afinal, a partir do exposto acima, o que acontece quando lemos? Aqui compreendemos que a leitura e a recepção literária felizmente não estão mais confinadas a uma certa domesticidade e individualidade. Conforme mencionado, o Clube de Leitura Leia Mulheres está presente em todos os estados brasileiros. Uma única resenha publicada no

Youtube tem mais de cem mil visualizações. Os leitores, e principalmente as leitoras, estão tomando cada vez mais espaços, mesmo quando não são apoiados por instituições e autoridades que supostamente deveriam incentivá-los. E o que acontece quando lemos pode, no contexto deste trabalho, ser respondido com: compartilhamos e resistimos.

Finalmente, de volta à pergunta central desta pesquisa, qual o motivo da mais recente onda de sucesso de um livro publicado há mais de 30 anos? A partir da recepção de *O conto da aia* analisada nas resenhas acima, compreendemos que a leitura e o resgate atual da obra refletem o medo dos leitores, em sua maioria, mulheres, de que Gilead se torne realidade e que as mulheres tenham seus direitos retirados. Ana Rüsche menciona em seu artigo de dezembro de 2017 o afastamento da presidenta eleita Dilma Rousseff como o retrato da ascensão de uma política brasileira conservadora e, em 2019, podemos ilustrar o avanço dessa política através da eleição do atual presidente do Brasil. Os dados apresentados sobre violência contra mulheres e desigualdades na política aproximam a ficção da obra de Margaret Atwood do real. Os anseios das leitoras transmitidos através das resenhas e o protesto de mulheres vestidas de aias contra a criminalização do aborto nos revela o papel político da arte e sua importância para a sociedade.

BIBLIOGRAFIA

ABSTRAÇÃO COLETIVA. **Resenha - O Conto da Aia**. 19 nov. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6wZxH0hWmAY>>. Acesso em: novembro 2019.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BASTOS, Athena. **O Conto da Aia: o controle e a opressão feminina em uma distopia**. 20 abril 2017. Disponível em: <<https://deliriumnerd.com/2017/04/20/o-conto-da-aia/>>. Acesso em: novembro 2019.

BORGES, Stephanie. **O Conto da Aia**. 20 jul 2015. Disponível em: <<https://leiamulheres.com.br/2015/07/o-conto-da-aia-de-margaret-atwood/>>. Acesso em: novembro 2019.

BURGESS, Jean. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade / Jean Burgess e Joshua Green ; com textos de Henry Jenkins e John Hartley**. Tradução Ricardo Giassetti. São Paulo : Aleph, 2009.

CARVER, Raymond. **Iniciantes**. Tradução de Rubens Figueiredo. 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum/ Antoine Compagnon**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DELIRIUM NERD. **Sobre**. Disponível em: <<https://deliriumnerd.com/sobre/>>. Acesso em: novembro 2019.

EDITORA ROCCO. **Vem aí nova edição de O conto da aia.** 23 maio 2017. Disponível em: <<https://www.rocco.com.br/blog/vem-ai-nova-edicao-de-o-conto-da-aia/>>. Acesso em: novembro 2019.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Tradução Ana Luiza Libânio. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JU CIRQUEIRA. **O CONTO DA AIA, de Margaret Atwood | Nuvem Literária.** 13 abril 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vGhgbG7T2Ec>>. Acesso em: novembro 2019.

KERMODE, Frank. O leitor médio. *In Um apetite pela poesia.* São Paulo: Edusp, 1993.

LITERATURE-SE. **O CONTO DA AIA, de Margaret Atwood (Você escolhe #1).** 06 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1nLHMgBa2Cs> Acesso em: Novembro 2019.

LUCCIO, Flavia Di e NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Blogs: de diários pessoais a comunidades virtuais de escritores/leitores.** *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2010, vol.30, n.1, pp.132-145. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a10>>. Acesso em: novembro 2019.

MARQUES, Marília. **Mulheres usam roupas de 'O conto da aia' em ato pela descriminalização do aborto, em Brasília.** 03 ago. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/08/03/mulheres-usam-roupas-de-o-conto-da-aia-em-ato-pela-descriminalizacao-do-aborto-em-brasilia.ghtml>>. Acesso em: dezembro 2019.

MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política [recurso eletrônico]: uma introdução.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MOMENTUM SAGA. **Sobre.** Disponível em:
<<https://www.momentumsaga.com/p/sobre.html>>. Acesso em: novembro 2019.

_____. **RESENHA: O CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD.** 26 nov. 2015. Disponível em:
<<https://www.momentumsaga.com/2015/11/resenha-o-conto-da-aia-de-margaret-atwood.html>>
> Acesso em: novembro 2019.

_____. **O PESADELO DA AIA.** 08 dez. 2015. Disponível em:
<<https://www.momentumsaga.com/2015/12/o-pesadelo-da-aia.html>> Acesso em: novembro 2019.

_____. **O CONTO DA AIA NÃO É MAIS SÓ UMA FICÇÃO.** 10 ago. 2017. Disponível em:
<<https://www.momentumsaga.com/2017/08/o-conto-da-aia-nao-e-mais-so-uma-ficcao.html>>.
Acesso em: novembro 2019.

TATIANAGFELTRIN. **O Conto da Aia (The Handmaid's Tale - Margaret Atwood) | Tatiana Feltrin.** 25 jun. 2017. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=sT7hd3WLhQo&t=10s>>. Acesso em: novembro 2019.

RODRIGUES, Jeff. **Resenha: O Conto da Aia – Margaret Atwood.** 15 ago 2017. Disponível em:
<<http://leitorcompulsivo.com.br/2017/08/15/resenha-o-conto-da-aia-margaret-atwood>>.
Acesso em: dezembro 2019.

RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação.** 2015. Disponível em:
<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09092015-164853/publico/2015_AnaRusch_e_VCorr.pdf>. Acesso em: novembro 2019.

_____. **Margaret Atwood: De quanto o real supera a ficção.** Dezembro 2017. Disponível em:

<<https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capa/2002-margaret-atwood-de-quanto-o-real-supera-a-fic%C3%A7%C3%A3o.html>>. Acesso em: novembro 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro / Lilia Moritz Schwarcz.** - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TEIXEIRA, Claudia Souza e COSTA, Andressa Abraão. **Movimento booktubers: práticas emergentes de mediação de leitura.** Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 13-31, jul.-dez. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/10974/9806>>. Acesso em: novembro 2019.

VALKIRIAS. **O conto da aia e o medo que mora em todas nós.** 13 fev. 2017. Disponível em: <<http://valkirias.com.br/o-conto-da-aia>>. Acesso em: novembro 2019.

WOOLF, Virginia. **O valor do riso e outros ensaios: Virginia Woolf;** Tradução e organização: Leonardo Fróes ed., São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. **Um teto todo seu.** Tradução: Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. 1. ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.